

nora Roberts

Felizes para
Sempre



Tradução de Isabel C. Penteadó



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



*Para os meus rapazes,
Bruce, Dan, Jason e Logan*



Lutar pelo amor é bom, mas alcançá-lo sem luta é melhor.

WILLIAM SHAKESPEARE

Da ordem nasce a beleza.

WILLIAM KING



PRÓLOGO



A dor chegava em ondas, fortes e agitadas, fustigando e dilacerando o coração. Outros dias, as ondas eram lentas e pantanosas, ameaçando afogar a alma.

As pessoas — boas, que se preocupavam — afirmavam que o tempo a curaria. Parker esperava que estivessem certas, mas naquele momento, em que contemplava o Sol de final de verão no terraço do seu quarto, meses após as mortes súbitas e chocantes dos pais, essas ondas caprichosas continuavam a rolar.

Ela tinha tanta coisa, lembrou a si mesma. O irmão — e ela não sabia se teria conseguido sobreviver àquele tempo de sofrimento sem Del — tinha sido um rochedo a que agarrar-se no meio daquele enorme oceano de choque e pesar. As amigas Mac, Emma e Laurel, parte da sua vida, parte de *si*, desde a infância, tinham sido a cola que havia conseguido consertar e segurar todos os cacos em que se encontrava o seu mundo. Ela tinha o apoio constante e inabalável da governanta de longa data, a senhora Grady, sua ilha de conforto.

Ela tinha a sua casa. A beleza e elegância da Propriedade Brown parecia-lhe mais profunda e notória, de alguma forma, agora que sabia que não mais veria os pais a passearem pelos jardins. Ela nunca mais correria escadas abaixo para encontrar a mãe a rir-se na cozinha com a senhora G., nem ouvir o pai a travar um negócio no seu escritório.

Em vez de aprender a navegar essas ondas, tinha-se sentido cada vez mais afundada na escuridão.

O tempo precisava de ser usado, empurrado e *movido*, tinha ela decidido.

Pensava — esperava — ter encontrado uma forma, não só de usar esse tempo, mas de celebrar o que os pais lhe haviam dado, de unir essas dádivas com família e amizades.

Ser produtiva, refletiu ela quando os primeiros aromas pungentes do vindouro outono agitaram o ar. Os Brown trabalhavam. Construíam, produziam e nunca cruzavam os braços depois de alcançados os objetivos.

Os pais não esperariam dela menos do que os seus antecessores haviam alcançado.

As amigas podiam pensar que enlouquecera, mas ela tinha pesquisado, calculado e traçado um sólido plano de negócios, um modelo consistente.

Hora de nadar, pensou.

Não iria, pura e simplesmente, afundar-se.

Voltou para dentro do quarto e pegou nos quatro envelopes espessos que tinha colocado em cima da cómoda. Um para cada uma na reunião — embora não tivesse dito às amigas que iam ter uma reunião.

Parou por momentos para prender o lustroso cabelo castanho num rabo de cavalo e depois fitou simplesmente os próprios olhos, desejando que se acendesse uma faúlha no azul profundo.

Ela podia fazer com que aquilo resultasse. Não, não, *elas* podiam fazer com que resultasse.

Só precisava de as convencer primeiro.

No piso térreo, encontrou a senhora Grady a dar os últimos retoques na refeição.

A mulher robusta virou-se do fogão e deu-lhe uma piscadela de olho. — Pronta?

— Pelo menos estou preparada. Estou nervosa. É tolice estar nervosa? São as minhas melhores amigas.

— É um grande passo, o que pretendes dar. É um grande passo que lhes vais pedir que deem. Serias tola se não estivesses um bocadinho nervosa. — Aproximou-se e emoldurou o rosto de Parker com as mãos. — Confio em ti. Vai lá. Hoje fiz algo um bocadinho mais chique, por isso vão ter aperitivos e vinho no terraço. As minhas meninas já são todas crescidas.

Ela queria ser, mas, Deus, havia uma criança dentro de si que queria a mãe e o pai, o conforto, o amor, a segurança.

Lá fora, pousou os envelopes numa mesa, tirou o vinho do balde com gelo e serviu-se de um copo.

Depois ficou simplesmente, de copo na mão, a olhar, sob a luz suave

que iluminava os jardins, para o bonito lago e a imagem dos salgueiros refletida na sua superfície.

— Meu Deus! Também quero disso.

Laurel saiu disparada, cabelo louro brutalmente curto — um visual novo de que a amiga já estava arrependida. Ela não tinha despido ainda o uniforme da sua ocupação como chefe pasteleira de um requintado restaurante local.

Os olhos, brilhantes e azuis, reviraram enquanto ela se servia de vinho. — Quem podia adivinhar, quando eu troquei o meu horário para poder vir à nossa *Girls Night*, que teríamos uma reserva de última hora para um almoço com vinte pessoas? A cozinha esteve um autêntico manicómio a tarde toda. Agora, a cozinha da senhora G... — Soltou um enorme gemido enquanto se sentava depois de horas a fio de pé. — É um oásis de calma que cheira a paraíso. O que é o jantar?

— Não perguntei.

— Não importa. — Laurel pôs a ideia de lado com um gesto. — Mas se a Emma e a Mac se atrasarem, começo sem elas. — Viu a pilha de envelopes. — O que é aquilo?

— Algo que não pode começar sem elas. Laurel, queres voltar para Nova Iorque?

Laurel olhou para ela por cima do bordo do copo. — Estás a expulsar-me?

— Acho que quero saber o que queres. Se estás satisfeita com as coisas, como elas estão. Regressaste por minha causa, depois do acidente, e...

— Estou a levar um dia de cada vez, e acho que vou acabar por chegar a alguma conclusão. Neste momento, não ter nenhum plano está bem para mim. Ok?

— Bem...

Ela calou-se quando Emma e Mac apareceram juntas, a rir-se.

Emma, pensou ela, tão linda com a sua juba de cabelo encaracolado, os olhos escuros e exóticos cintilando divertidos. Mac, com o seu cabelo ruivo escadeado, olhos verdes perversamente divertidos, alta e esguia nas suas calças de ganga e camisa preta.

— Qual é a piada? — perguntou Laurel.

— Homens. — Mac pousou os pratos de *brie* e de minitartes de espinafres que a senhora Grady lhe tinha enfiado nas mãos quando havia passado pela cozinha. — Os dois que pensaram que eram capazes de conquistar a Emma com um braço de ferro.

— Até foi querido — insistiu Emma. — Eram irmãos e foram à loja comprar flores para o aniversário da mãe. Uma coisa levou à outra.

— Estão sempre a aparecer-me gajos no estúdio. — Mac tirou uma

baga de uva preta açucarada de uma tigela que já estava na mesa e enfiou-a na boca. — Nunca nenhum fez braço de ferro para conseguir sair comigo.

— Há coisas que nunca mudam — disse Laurel, erguendo o copo num brinde a Emma.

— Outras, sim — disse Parker. Tinha de começar, tinha de avançar. — Foi por isso que vos pedi que viessem cá esta noite.

Emma parou quando ia pegar num pedaço de *brie*. — Passa-se alguma coisa?

— Não, mas eu queria falar com todas ao mesmo tempo. — Determinada, Parker serviu vinho a Mac e a Emma. — Sentemo-nos.

— Uh-oh — alertou Mac.

— Nada de uh-ohs — insistiu Parker. — Quero dizer, em primeiro lugar, que vos amo a todas e sempre amei. E amarei sempre. Partilhámos tantas coisas, boas e más. E quando as coisas estavam no seu pior, eu sabia que vocês iam estar lá.

— Estamos sempre umas para as outras. — Emma inclinou-se para diante e pousou uma mão sobre a de Parker. — É isso que fazem as amigas.

— Sim, é. Quero que saibam o quanto são importantes para mim e quero que saibam que se alguma de vocês não quiser tentar o que eu estou prestes a propor, seja por que motivo for, nada mudará entre nós. — Levantou uma mão antes que alguém pudesse falar. — Deixem-me começar assim. Emma, tu queres ter a tua própria florista um dia, certo?

— Sempre foi um sonho meu. Isto é, eu estou feliz a trabalhar na loja e o meu patrão dá-me muita liberdade de ação, mas eu espero um dia ter a minha. Mas...

— Nada de mas ainda. Mac, tu tens demasiado talento, demasiada criatividade para passares os dias a tirar fotos de passaporte e instantâneos de miúdos a fazer poses.

— O meu talento não conhece limites, — disse Mac com descontração, — mas uma miúda tem de comer.

— Preferias ter o teu próprio estúdio de fotografia.

— Também preferia ter o Justin Timberlake a fazer braço de ferro com o Ashton Kutcher por minha causa... e é igualmente improvável.

— Laurel, tu estudaste em Nova Iorque e em Paris com o objetivo de te tornares chefe pasteleira.

— Uma chefe pasteleira de renome internacional.

— E aceitaste ir trabalhar para o Willows.

Ela engoliu um bocado de tarte de espinafre. — Bem, eh...

— Parte dessa decisão foi por minha causa, depois de termos perdido a mãe e o pai. Eu estudei, — continuou Parker, — com o objetivo de ter o meu próprio negócio. Sempre tive uma ideia do que seria, mas parecia-me

algo irrealizável. Que eu nunca partilhei convosco. Mas no decorrer dos últimos meses, começou a parecer-me mais atingível, mais certa.

— Por amor de Deus, Parker, o que é? — perguntou Laurel.

— Quero que montemos um negócio juntas. As quatro, cada uma responsável por uma parte, de acordo com o nosso campo de interesse e a nossa perícia, convergindo todos debaixo da mesma sombrinha, por assim dizer.

— Montar um negócio? — repetiu Emma.

— Lembras-te de costumarmos brincar ao Dia do Casamento? Como nos revezávamos nos papéis e nos trajes, planeando os temas?

— Eu gostava mais de me casar com o *Harold*. — Mac sorriu ao recordar-se do antigo cão da família Brown. — Ele era tão bonito e leal.

— Podíamos fazer isso a sério, transformar o Dia do Casamento num negócio.

— Fornecendo fantasias, *cupcakes* e cães muito pacientes a meninas? — sugeriu Laurel.

— Não, fornecendo um cenário único e fabuloso: esta casa, este jardim; bolos e pastelaria espetaculares; buquês e flores comoventes; fotografias lindas e criativas. E, da minha parte, alguém que supervisionará cada detalhe, para fazer de um casamento, ou de outro evento importante, o dia mais perfeito da vida dos nossos clientes. — Mal conseguiu tomar fôlego. — Já tenho inúmeros contactos através dos meus pais. Serviços de catering, comerciantes de vinhos, serviços de limusinas, lojas... tudo. E o que não tenho hei de conseguir. Uma empresa de organização de casamentos e outros eventos, nós as quatro como sócias equitativas.

— Um negócio de casamentos. — Os olhos de Emma ficaram sonhadores. — Soa-me maravilhosamente, mas como é que podíamos...

— Eu tenho um modelo de negócio. Tenho números, gráficos e respostas a questões legais, se as tiverem. O Del ajudou-me a tratar disto.

— Ele não se importa? — perguntou Laurel. — O Delaney não se importa que transformes a propriedade, a vossa casa, num negócio?

— Ele apoia-me a cem por cento nisto. E o amigo dele, o Jack, está disposto a ajudar redesenhando a casa da piscina num estúdio fotográfico, com aposentos por cima, e a casa de hóspedes numa florista com um apartamento. Podemos transformar a cozinha auxiliar no teu espaço de trabalho, Laurel.

— Íamos morar aqui, na propriedade?

— Teriam essa opção — disse Parker a Mac. — Vai dar muito trabalho, e seria mais eficiente se estivessemos todas no mesmo sítio. Eu mostro-vos os cálculos, o modelo, os gráficos de projeção, o que for. Mas não vale a pena se alguma de vocês não gostar do conceito de base. E se não gostarem,

bem, eu vou tentar convencer-vos do contrário — acrescentou Parker com uma gargalhada. — Depois, se detestarem, eu deixo-vos em paz.

— Uma ova. — Laurel passou uma mão pelo cabelo curto. — Há quanto tempo andas a magicar isto?

— A sério? Ativamente? Há cerca de três meses. Tinha de falar com o Del, e com a senhora G., porque, sem o apoio deles, isto nunca se concretizaria. Mas quis organizar tudo antes de vos surpreender com isto. É um negócio — disse Parker. — Seria o nosso negócio, por isso precisa de ser elaborado dessa forma desde o início.

— O nosso negócio — repetiu Emma. — Casamentos. Há coisa mais feliz do que um casamento?

— Ou mais louca — acrescentou Laurel.

— Nós quatro podemos lidar com a loucura. Parks? — Mac exibiu as covinhas do rosto quando lhe estendeu uma mão. — Eu alinho completamente.

— Não podes comprometer-te antes de veres o modelo, os cálculos.

— Posso, sim — corrigiu Mac. — Quero fazer isto.

— Eu também. — Emma pousou a mão sobre a delas.

Laurel inspirou e susteve a respiração. Depois soltou-a. — Acho que isso torna a coisa unânime. — E colocou a mão sobre a delas. — Vamos arrasar nos casamentos.

CAPÍTULO UM



A noiva louca telefonou às cinco e vinte e oito da manhã.
— Tive um sonho — anunciou ela a Parker, que estava deitada no escuro com o seu *BlackBerry*.

— Um sonho?

— Um sonho maravilhoso. Tão real, tão *urgente*, tão cheio de cor e de vida! Tenho a certeza que significa alguma coisa. Vou ligar ao meu médium, mas queria primeiro falar contigo.

— Ok. — Com a graciosidade da experiência, Parker esticou o braço e ligou o candeeiro da mesa de cabeceira na potência mínima. — O sonho foi sobre quê, Sabina? — perguntou ela, pegando no bloco e na caneta que estavam ao lado do candeeiro.

— Alice no País das Maravilhas.

— Sonhaste com a Alice no País das Maravilhas?

— Mais especificamente, com o Chá do Chapeleiro Louco.

— Disney, ou Tim Burton?

— O quê?

— Nada. — Parker sacudiu os cabelos para trás e anotou as palavras-chave. — Continua.

— Bem, havia música e um banquete de comida. Eu era a Alice, mas estava com o meu vestido de noiva e o Chase estava fantástico num casaco de fraque. As flores, oh, eram espetaculares. E todos cantavam e dançavam. Estavam todos tão felizes, a brindarem à nossa felicidade, a aplaudirem. A Angelica estava vestida como a Rainha de Copas e a tocar flauta.

Parker apontou Angelica como dama de honor e continuou a registar outros membros da festa de casamento. O padrinho era o Coelho Branco, a mãe do noivo o Gato de Cheshire, o pai da noiva a Lebre de Março.

Ela indagou-se o que Sabina teria comido, bebido, ou fumado antes de ir para a cama.

— Não é fascinante, Parker?

— Completamente. — Assim como tinha sido o padrão de folhas de chá que havia determinado as cores nupciais de Sabina, as cartas de tarô que haviam previsto o destino da lua de mel, a numerologia que havia indicado a única data possível para o casamento.

— Acho que provavelmente o meu subconsciente e o destino estejam a dizer-me que o tema do casamento tem de ser a Alice. Com fantasias.

Parker fechou os olhos. Embora lhe apetecesse ter dito — e lhe apetecesse dizer naquele momento — que o Chá do Chapeleiro Louco encaixava em Sabina como uma luva, faltavam menos de duas semanas para a cerimónia. A decoração, as flores, o bolo e sobremesas, a ementa, e tudo o resto, já estava decidido.

— Hum — disse Parker para ter um momento para pensar. — É uma ideia interessante.

— O sonho...

— Diz-me — interpôs Parker — que o ambiente festivo, mágico, de conto de fadas, que já escolheste, estava absolutamente certo.

— A sério?

— Completamente. Diz-me que estás empolgada e feliz e que mal podes esperar pelo teu dia. Lembra-te, o Chapeleiro Louco dava o seu chá todos os dias. O sonho está a dizer-te que a tua vida com o Chase será uma celebração diária.

— Oh! Claro!

— E, Sabina, quando estiveres a admirar-te ao espelho da suite da noiva, no dia do teu casamento, estarás a olhar para ti com o coração jovem, aventureiro e feliz da Alice.

Raios, sou mesmo boa, pensou Parker quando a noiva louca suspirou.

— Tens razão, tens razão. Tens toda a razão. Ainda bem que te telefonei. Eu sabia que tu havias de saber.

— É para isso que cá estamos. Vai ser um casamento lindo, Sabina. O teu dia perfeito.

Depois de desligar, Parker relaxou um pouco, mas, quando fechou os olhos, o Chá do Chapeleiro Louco — versão Disney — começou a andar freneticamente às voltas na sua cabeça.

Resignada, levantou-se e dirigiu-se às portas do terraço do quarto que outrora fora dos pais. Abriu-as para o ar da manhã, inspirou profundamen-

te a madrugada no momento em que o Sol dava a sua primeira espreitadela no horizonte.

As últimas estrelas desapareciam num mundo perfeita e maravilhosamente quieto — como um fôlego sustido.

O lado positivo das noivas loucas, e das outras do mesmo género, era a insónia imediatamente antes do amanhecer, quando parecia que nada nem ninguém existia para além dela, nada nem ninguém tinha aquele momento, em que a noite passava a sua tocha ao dia e a luz prateada ganhava reflexos perlados que tremeluziriam — quando o fôlego se libertasse — num brilhante tom dourado.

Deixou as portas abertas quando regressou para dentro do quarto. Tirou um elástico da caixa de prata martelada que tinha em cima da cómoda e prendeu o cabelo num rabo de cavalo. Trocou a camisa de noite por umas calças curtas de ioga e um top desportivo, escolheu um par de sapatos de corrida da prateleira da secção descontraída do *closet* impecavelmente organizado.

Encaixou o *BlackBerry* no suporte de cintura, ligou os auriculares e saiu do quarto na direção do ginásio da casa.

Acendeu as luzes, ligou o noticiário no ecrã plano, escutando com pouca atenção enquanto aproveitava alguns momentos para se esticar.

Programou a elíptica para os habituais cinco quilómetros.

Quando ia a meio do segundo quilómetro, sorriu.

Céus, como adorava o seu trabalho. Adorava as noivas loucas, as noivas sentimentais, as noivas picuinhas, até as noivas monstruosas.

Adorava os pormenores e as exigências, as esperanças e sonhos, a constante afirmação de amor e compromisso que ajudava a personalizar para cada casal.

Ninguém, decidiu, fazia melhor que a Votos.

O que ela, Mac, Emma e Laurel tinham abraçado corajosamente numa noite de final de verão era agora tudo e muito mais do que haviam imaginado.

E naquele momento, pensou ela fazendo um sorriso rasgado, estavam a planear os casamentos de Mac para dezembro, de Emma para abril e de Laurel para junho.

As amigas eram noivas agora e ela mal podia esperar para mergulhar naqueles detalhes maravilhosos.

Mac e Carter — casamento tradicional com toques artísticos. Emma e Jack — romance, romance, romance. Laurel e Del (céus, o irmão ia casar-se com a melhor amiga dela!) — elegante, mas simples.

Oh, ela tinha ideias.

Estava a chegar ao quilómetro três quando Laurel entrou.

— Luzinhas. Muitas luzinhas pequenas espalhadas pelo jardim, nos salgueiros, nas árvores, na pérgula.

Laurel pestanejou e bocejou. — Hã?

— O teu casamento. Romântico, elegante, abundância sem espalhafato.

— Ah. — Com o cabelo louro apanhado com ganchos, Laurel subiu para a máquina ao lado da de Parker. — Ainda estou a habituar-me à ideia de estar noiva.

— Eu sei do que gostas. Já elaborei um panorama geral.

— Claro que sim. — Mas Laurel sorriu. — Onde vais? — Esticou o pescoço para conseguir ver o mostrador da máquina de Parker. — Merda! Quem telefonou e quando?

— Noiva louca. Faltava pouco para as cinco e meia. Ela teve um sonho.

— Se me disseres que ela sonhou com um novo modelo para o bolo, eu vou...

— Não te preocupes. Eu já resolvi a coisa.

— Como é que pude duvidar de ti? — Fez o aquecimento com calma e depois disparou: — O Del vai pôr a casa dele à venda.

— O quê? Quando?

— Bem, depois de conversar contigo sobre o assunto, mas eu estou aqui, tu estás aqui, por isso estou a falar contigo primeiro. Conversámos sobre o assunto ontem à noite. A propósito, ele regressa de Chicago esta noite. Então... ele mudava-se para cá, se tu não te importares.

— Em primeiro lugar, esta casa é tanto dele quanto minha. Em segundo, tu ficas. — Ela tinha os olhos húmidos, brilhantes. — Tu ficas — repetiu Parker. — Eu não queria pressionar nada, e sei que o Del tem uma casa ótima, mas... Oh, meu Deus, Laurel, eu não queria que te fosses embora. E agora não vais.

— Eu amo-o tanto que sou capaz de ser a próxima noiva louca, mas também não queria sair daqui. A minha ala tem espaço mais do que suficiente, é praticamente uma casa. E ele adora esta casa tanto quanto tu, quanto todas nós.

— O Del vai voltar para casa — murmurou Parker.

A sua família, pensou, todos os que amava e estimava, em breve estaria reunida. E ela sabia que era isso que fazia um lar.

Às oito e cinquenta e nove, Parker estava vestida num elegante fato cor de beringela com um toque de folhos na imaculada camisa branca. Passou precisamente cinquenta e cinco minutos a responder a *e-mails*, mensagens

e telefonemas, a atualizar informações nos ficheiros de diversos clientes, a verificar e a confirmar entregas com subcontratados para eventos futuros.

Às dez em ponto, ela desceu do escritório no terceiro andar para o primeiro compromisso *in loco* do dia.

Já tinha investigado os potenciais clientes. Noiva, Deeanne Hagar, artista local, cujo bonito trabalho de fantasia tinha sido reproduzido em posters e cartões de felicitações. Noivo, Wyatt Culpepper, arquiteto paisagista. Ambos vinham de famílias endinheiradas — setor bancário e imobiliário, respetivamente — e ambos eram filhos mais novos de pais divorciados duas vezes.

Não tinha sido preciso fazer muita pesquisa para conseguir a informação de que o casal recentemente comprometido se tinha conhecido num *greenfest*, partilhava o gosto por música country e adorava viajar.

Ela tinha conseguido outras informações através de *websites*, do Facebook, de entrevistas dadas a revistas e jornais, e de amigos de amigos, e tinha já decidido como iria fazer a abordagem geral na primeira visita, que incluiria a mãe de ambos.

Perscrutou os espaços à medida que passava rapidamente pelo piso térreo, agradada com os românticos arranjos de flores de Emma.

Entrou na cozinha principal onde, como era de esperar, a senhora Grady estava a dar os retoques finais na bandeja do café, no chá gelado que Parker tinha pedido e num prato com fruta fresca enfeitado com os biscoitos superfinos de Laurel.

— Está com ótimo aspeto, senhora G.

— Está pronto para quando quiseres.

— Vamos levá-lo para a sala de estar principal. Se quiserem ir já fazer a visita, talvez seja melhor levá-lo lá para fora. O dia está lindo.

Parker aproximou-se para ajudar, mas a senhora Grady afastou-a com um gesto. — Não é preciso. Acabei de perceber que conheço a primeira madrastra da noiva.

— A sério?

— Não durou muito, pois não? — Com movimentos enérgicos, a senhora Grady transferiu as bandejas para o carrinho de chá. — Não chegou ao segundo aniversário de casamento, se bem me recordo. Uma mulher bonita, e bastante simpática. Apagadinha como uma lâmpada de cinco watts, mas boa pessoa. — A senhora Grady passou com as pontas dos dedos sobre a saia do avental de peitilho. — Ela tornou a casar-se, com um espanhol qualquer, e mudou-se para Barcelona.

— Não sei porque passo tempo na internet, quando posso simplesmente ligar-me a si.

— Se tivesses feito isso, eu ter-te-ia dito que a mãe da Mac teve um namorico com o pai da noiva, entre a segunda e a terceira mulheres.

— A Linda? Não me surpreende.

— Bem, podemos todos dar graças por não ter ido por diante. Gosto das fotografias da miúda — acrescentou ela quando levavam o carrinho para a sala de estar.

— Viu-as?

A senhora Grady piscou-lhe o olho. — Não és a única que sabe usar a internet. A campainha está a tocar. Vai lá. Consegue-nos mais um cliente.

— É esse o plano.

O primeiro pensamento de Parker foi que a noiva parecia uma versão hollywoodesca de uma artista de fantasia, com os seus cabelos ruivos-dourados a chegarem-lhe à cintura e olhos verdes amendoados. O segundo foi que linda noiva Deeanne seria e, logo a seguir, o quanto queria participar disso.

— Bom-dia. Bem-vindos à Votos. Sou a Parker.

— Brown, certo? — Wyatt estendeu uma mão. — Só queria dizer que não sei quem é que projetou o vosso jardim, mas é um génio. E gostava de ter sido eu.

— Muito obrigada. Entrem, por favor.

— A minha mãe, Patricia Ferrell. A mãe da Deeanne, Karen Bliss.

— É um prazer conhecer-vos a todos. — Parker fez uma rápida avaliação. Wyatt assumiu o comando, mas com cordialidade, e as três mulheres deixaram-no. — Porque não nos sentamos na sala de estar durante alguns minutos para nos conhecermos melhor?

Mas Deeanne estava já a deambular pelo espaçoso *foyer*, a examinar a elegante escadaria. — Pensei que a casa seria um pouco abafada. Pensei que ia sentir-me abafada. — Virou-se para trás, oscilando a bonita saia de verão. — Eu analisei atentamente o vosso *website*. Parecia-me tudo perfeito, lindo. Mas pensei, não, *demasiado* perfeito. Ainda não estou convencida de que não seja demasiado perfeita, mas não é abafada. Nem um pouco.

— O que a minha filha poderia ter dito em muito menos palavras, Menina Brown, é que tem uma casa encantadora.

— Parker, — disse ela, — e obrigada, Sra. Bliss. Café? — convidou. — Ou chá gelado?

— Podíamos primeiro dar uma vista de olhos? — perguntou-lhe Deeanne. — Especialmente lá fora, já que o Wyatt e eu queremos um casamento no exterior.

— Podemos começar lá fora, dar a volta e regressar aqui. Estás a pensar em setembro próximo — continuou Parker enquanto se dirigia para a porta que dava acesso ao terraço lateral.

— Daqui a um ano. É por isso que andamos a procurar agora, para podermos ver como a paisagem, os jardins e a luz resultam em conjunto.

— Temos diversas zonas que podem ser utilizadas para casamentos

no exterior. A mais popular, especialmente para eventos de maiores dimensões, é o terraço ocidental com a pérgula. Mas...

— Mas? — ecoou Wyatt enquanto deambulavam pela casa.

— Quando vos vejo os dois, imagino algo um pouco diferente. Uma coisa que fazemos de vez em quando. O lago — disse ela quando viraram para as traseiras. — Os salgueiros, a extensão de relvado. Vejo um nicho forrado com flores e passadeiras brancas prolongando-se como um rio entre as filas de cadeiras, uma vez mais, brancas, enfeitadas de flores. Tudo isso refletido na água do lago. Arranjos de flores por toda a parte, mas não formais; uns arranjos mais naturais. Flores campestres, mas em abundância. A minha sócia e designer de flores, Emmaline, é uma artista.

Os olhos de Deeanne adquiriram brilho. — Adorei o que vi do trabalho dela no *website*.

— Podes falar diretamente com ela, se decidires fazer o casamento connosco, ou mesmo que estejas apenas a ponderar a ideia. Também vejo luzinhas a brilhar, velas a tremeluzir. Tudo muito natural, orgânico; mas sumptuoso, glamoroso. A Pérgula de Titânia. Tu com um vestido vaporoso — disse ela a Deeanne. — Algo saído de um conto de fadas, e o cabelo solto. Nada de véu, mas flores no cabelo.

— Sim. És muito boa, não és?

— É o que fazemos aqui. Talhamos o dia para refletir o que mais desejam, o que são, individualmente e um para o outro. Nada formal, mas suave e sonhador. Nem contemporâneo, nem antiquado. Querem algo que reflita quem são e música country a anunciar a chegada da noiva.

— *Never Ending Love* — disse Wyatt com um sorriso. — Já a escolhemos. A vossa artista florista vai trabalhar connosco, não apenas na decoração do casamento, mas nos buquês e isso tudo?

— Em todos os passos. Tudo se centra em vocês e em criar o vosso dia perfeito — disse ela a sorrir para Deeanne.

— Eu adoro o lago — murmurou Deeanne quando estavam no terraço a observá-lo. — Adoro a imagem que acabaste de criar na minha mente.

— Porque a imagem és tu, querida. — Karen Bliss pegou na mão da filha. — Completamente tu.

— Dança no relvado? — A mãe de Wyatt olhou para lá. — Também vi o *website* e sei que têm um lindíssimo salão de baile. Mas talvez pudesse fazer-se o baile no exterior.

— Claro que sim. Um, ou outro, ou ambos, como preferirem. Se estiverem interessados, podemos marcar uma reunião com as minhas sócias e discutir essas áreas e outros pormenores.

— E se víssemos o resto? — Wyatt inclinou-se para beijar a têmpora de Deeanne.

...

Às quatro e meia, Parker estava de novo na sua secretária a ajustar folhas de cálculo, gráficos, horários. Como os compromissos do dia já tinham terminado, o casaco do fato estava pendurado nas costas da cadeira e os sapatos debaixo da mesa.

Ela calculava que ainda tivesse pela frente cerca de uma hora a tratar da papelada e considerou que o dia tinha sido maravilhosamente leve. O resto da semana prometia ser extremamente agitado, mas, com alguma sorte, às seis ela poderia vestir roupas mais descontraídas e regalar-se com um copo de vinho e, quem sabe até, sentar-se à mesa para uma refeição.

Fez *hum*? quando ouviu bater à porta.

— Tens um minuto? — perguntou Mac.

— Por acaso tenho alguns por minha conta. Podes ficar com um. — Parker girou na cadeira quando Mac entrou com dois sacos de compras. — Senti a tua falta no ginásio hoje de manhã, mas vejo que continuaste com o teu levantamento de pesos.

A sorrir, Mac fletiu os braços. — Bastante bom, hã?

— Estás tonificada, Elliot. Terás braços de fazer parar o trânsito no dia do teu casamento.

Mac sentou-se numa cadeira. — Tenho de fazer justiça ao vestido que encontraste para mim. Escuta, eu jurei não me transformar numa noiva louca, nem numa noiva choramingas, nem em qualquer outro tipo de noiva chata, mas o dia está a aproximar-se e eu preciso de garantias da deusa de todas as organizadoras de casamentos.

— Vai ser perfeito e correr lindamente.

— Mudei de ideias quanto à primeira dança, outra vez.

— Não importa. Podes mudar até à última hora.

— Mas é sintomático, Parks. Parece que não sou capaz de me decidir acerca de um item tão básico como uma maldita canção.

— É uma canção importante.

— O Carter está a ter aulas de dança?

Parker esbugalhou os olhos. — Porque me perguntas?

— Eu sabia! Oh, que querida. Puseste o Carter a ter aulas de dança para ele não me pisar os pés durante a nossa primeira dança.

— O Carter pediu-me para tratar disso... era para ser surpresa. Por isso não estragues.

— Fico toda derretida. — Os ombros levantaram e desceram a acompanhar com o seu suspiro de felicidade. — Talvez eu não consiga decidir-me porque estou sempre a derreter-me. Seja como for, tive aquela sessão fotográfica de noivado.

— Como correu?

— Lindamente. São tão queridos e deu-me vontade de os casar. Depois fiz uma coisa estúpida a caminho de casa. Parei no departamento de calçado da Nordstrom.

— Coisa que eu já tinha muito inteligentemente deduzido pelos sacos de compras.

— Comprei dez pares. Vou devolver a maior parte, mas...

— Porquê?

Mac semicerrou os seus olhos verdes. — Não encorajes a lunática. Uma vez mais, não consegui decidir-me. Já comprei os sapatos para o casamento, certo? Não concordámos todas que eram perfeitos?

— Deslumbrantes e perfeitos.

— Exatamente. Então porque é que comprei quatro pares alternativos?

— Pensei que tinhas dito dez.

— Os outros seis são para a lua de mel; bem, quatro deles, porque eu precisava mesmo de um novo par de sapatos para o trabalho e eram tão giros que comprei um par em acobreado e outro num verde vivo. Mas isso não é importante.

— Deixa-me ver.

— Primeiro os do casamento, e não digas nada até eu os alinhar todos. — Mac levantou as duas mãos. — Rosto completamente impassível. Nada de expressão, nada de som.

— Vou virar-me de costas e continuar a trabalhar nesta folha de cálculo.

— Antes tu que eu — resmungou Mac, e deitou mãos ao trabalho.

Parker ignorou o ruído e os suspiros até Mac lhe dizer que já podia ver.

Parker virou-se e passou os olhos pelos sapatos alinhados em cima de uma bancada de trabalho. Levantou-se, aproximou-se e tornou a olhar. Manteve um rosto inexpressivo e não disse nada enquanto pegava num sapato, o examinava e voltava a colocá-lo no sítio, passando depois para o seguinte.

— Estás a matar-me — disse-lhe Mac.

— Silêncio. — Afastou-se para ir buscar um envelope onde estava a fotografia de Mac com o vestido de noiva. Pegou na foto, levou-a até à seleção de sapatos e anuiu com a cabeça.

— Sim. Decididamente. — Pegou num par. — Serias louca se não usasses estes.

— A sério?! — Mac bateu palmas. — A sério?! Porque eram esses os meus preferidos. Mas eu não conseguia decidir-me. Oh, olha para eles! Os saltos, são todos brilhantes, e a tira do tornozelo é tão sexy... mas não em demasia. Certo?

— A mistura perfeita de brilho, sensualidade e sofisticação. Vou devolver os outros.

— Mas...

— Vou devolvê-los porque encontrei os sapatos de casamento perfeitos e precisas de te manter firme à tua decisão. Tens de tirar os outros da frente da vista e manter-te afastada do departamento de calçado até depois do casamento.

— És tão sensata.

Parker inclinou a cabeça. — Sou, de facto, sensata. E, como tal, acredito que este par poderá muito bem ser o do casamento da Emma. Vou trocá-lo pelo número dela e veremos.

— Oh, oh, uma vez mais, muito sábia. — Mac pegou no par que Parker lhe indicou. — Mais românticos, mais de princesa. Fantástico. Estou exausta.

— Deixa os sapatos de casamento, todos eles, comigo. Leva os outros. Oh, e verifica a tua agenda quando chegares a casa. Acrescentei reuniões.

— Quantas?

— Das cinco visitas que tivemos hoje, temos três reuniões com toda a gente, outra precisa de falar com o papá, que é quem vai pagar a conta, e outra ainda anda a ver.

— Três em cinco? — Mac lançou os punhos no ar. — *Yes!*

— A minha aposta é quatro em cinco, porque a menina do papá quer-nos e muito. A quinta? A noiva não está pronta para se decidir. A mãe quer ficar connosco, o que me diz que, neste caso, é um ponto a nosso desfavor. Veremos.

— Bem, estou fora de mim. Mais três clientes e encontrei os sapatos perfeitos para o meu casamento. Vou para casa dar um enorme beijo molhado ao meu homem e ele não vai saber que é por andar a ter aulas de dança. Obrigada, Parks. Até logo.

Parker sentou-se e examinou os sapatos sobre a bancada. Pensou em Mac a correr para casa ao encontro de Carter. Pensou em Laurel a receber Del quando ele regressasse a casa depois de dois dias numa conferência de trabalho em Chicago. E em Emma talvez sentada no seu pequeno pátio a tomar vinho com Jack e a sonhar com as flores do seu casamento.

Girou na cadeira para fitar a folha de cálculo no monitor. Tinha o seu trabalho, lembrou a si mesma. Um trabalho que adorava. E era isso que importava naquele momento.

O *BlackBerry* deu sinal e um olhar de relance para o ecrã informou-a de que mais uma noiva precisava de conversar.

— Sempre te tenho a ti — murmurou ela, e atendeu. — Olá, Brenna. Em que posso ser útil?

CAPÍTULO DOIS



Parker tratou dos sapatos, e como estava com a agenda cheia, arranhou apenas um par para si mesma. Almoçou com a noiva, a tia preferida da noiva — que a entregaria ao noivo — e a dama de honor da noiva para discutirem detalhes do casamento, a música e — por coincidência — sapatos.

Passou pela boutique de noivas onde, a pedido de outra noiva, auxiliou na finalização dos vestidos para as damas de honor e deu a sua opinião sobre roupa interior e enfeites para a cabeça, e se reuniu com uma outra noiva e sua comitiva para examinar minuciosamente opções de tecido. Depois correu até ao Coffee Talk para um encontro rápido com Sherry Maguire, a encantadora irmã de Carter, cujo casamento estava iminente.

— A Diane está a ser parva — disse Sherry e fez beicinho com o queixo apoiado no punho.

— O casamento não é da tua irmã.

— Eu sei, eu sei, mas ela continua a ser parva. Uma autêntica agoirenta. Uma desmancha-prazeres.

— Sherry, em menos de duas semanas, vais casar-te com o homem que amas. Correto?

Os olhos azuis de Sherry cintilaram. — Sim.

— Tudo nesse dia foi projetado para te fazer feliz, para celebrar esse amor. Correto?

— Meu Deus. Meu Deus. Realmente. Tu... todas vocês têm sido fantásticas.

— Então fica feliz. Comemora. E se a tua irmã implica com isso, deixa-me dizer que é problema dela.

— É precisamente isso que o Nick diz. — Sherry levantou as mãos e passou-as pelos cabelos louros. — E a minha mãe. Mas... ela diz que não vai ao ensaio nem ao jantar de ensaio.

A parva, pensou Parker, mas demonstrou apenas alguma compaixão. — Lamento. Porque não?

— Ela não participa no casamento. Bem, não queria participar. Pedi-lhe para ser minha madrinha, mas ela não quis. Disse que não percebia porque é que tinha de passar por essa confusão, que não entendia porque é que eu queria uma madrinha e uma dama de honor.

— A tua irmã é a tua amiga mais íntima.

— Exatamente. — Sherry bateu com um punho na mesa e de seguida enfiou uma colher no chantilly do café. — Então, ela não entende por que razão há de ter de arranjar uma babysitter e vir ao jantar. Eu disse que os miúdos também estavam convidados, mas ela disse que não estava para andar a vigiá-los a noite toda num jantar de ensaio e depois ter de andar a vigiá-los outra vez no casamento. Ela diz que é demasiado estimulante para eles e demasiado estafante para ela. Então eu disse que lhe pagávamos uma babysitter para que ela e o Sam pudessem ter uma noite de folga. E ela implicou com isso! Não posso vencer.

— Para de tentar.

— Mas ela é minha irmã, Parker. É o meu casamento. — Lágrimas brilharam quando a emoção lhe embargou a voz.

E tinha sido assim no decorrer de todo o processo, pensou Parker; com a mais alegre, encantadora e flexível das noivas.

Diabos a levassem se ia deixar que lhe estragassem um momento sequer.

— Eu falo com ela.

— Mas...

— Sherry. — Parker pousou uma mão sobre a dela. — Confia em mim.

— Ok. — Sherry inspirou e expirou enquanto pestanejava para conter as lágrimas. — Desculpa. Sou uma idiota.

— Não és, não. — Para enfatizar, Parker apertou rápida e firmemente a mão de Sherry. — Deixa-me dizer, porque conheço muitos idiotas, que tu não encaixas no perfil. Por isso, faz-me um favor e esquece isso por agora. Põe isto de lado e concentra-te em como as coisas são boas e em quão maravilhosas serão.

— Tens razão. Eu sabia que me farias sentir melhor.

— É para isso que aqui estou. — Debaixo da mesa, Parker virou o pulso para ver as horas. Podia despende de mais dez minutos.

— Então, já tens o spa e o cabeleireiro marcados? E as provas finais?

Os dez minutos transformaram-se quase em quinze, mas ela tinha arranjado forma de encaixar o tempo de viagem de volta a casa até ao início da reunião do final de tarde. Até a chuva que caía quando ela regressava ao carro não a preocupou.

Tinha bastante tempo para conduzir até casa, refrescar-se, agarrar nas pastas, verificar as bebidas e recapitular os dados dos clientes com as sócias. Mas, para poupar tempo, ligou o telemóvel e usou os comandos de voz para contactar Laurel.

— Pastelaria da Votos.

— Eh, estou a caminho. Está tudo a postos?

— Café, chá, champanhe, acepipes simples mas saborosos, chocolates. A Emma já trocou as flores. Todas temos, ou teremos, os nossos álbuns de amostras. Ena, isso é trovoada?!

— Sim, começou agora. — Parker olhou de relance para as nuvens tempestuosas. — Devo chegar a casa dentro de vinte minutos. Tchau.

A tempestade vociferava, furiosa e violenta, e ela pensou no quanto teria gostado se estivesse em casa. Em breve estaria, pensou, mas regulou cautelosamente a velocidade com a chuva a bater no para-brisas.

Enquanto seguia pela estrada a caminho de casa, recapitulou mentalmente pormenores acerca dos novos clientes.

Aconteceu rapidamente, tudo num borrão fustigado pela chuva.

O cão — veado? — atravessou a estrada a correr. O carro que vinha de frente desviou-se para o evitar e derrapou com a traseira. Parker tirou o pé do acelerador, carregou no travão e sentiu um alívio quando o animal chegou à outra berma.

Mas o carro que vinha de frente derrapou outra vez na sua direção.

O coração dela disparou novamente. Sem escolha, ela virou rapidamente o volante para evitar o embate. O carro derrapou e pisou a berma da estrada. A parte traseira começou a fugir-lhe de um lado para o outro. O carro que vinha de frente passou-lhe resvés.

E não parou.

Ela ficou de mãos coladas ao volante, joelhos a tremer e o coração a bater-lhe nos ouvidos.

— Ok — sussurrou ela. — Estou bem. Não estou ferida. Não estou ferida.

Como queria permanecer dessa forma, decidiu sair completamente para a berma até acabarem os tremeliques. Podia aparecer mais alguém e bater-lhe de lado.

O melhor que conseguiu foi um arrastar desengonçado.

Pneu furado, pensou ela e fechou os olhos. *Perfeito.*

Tirou o chapéu de chuva desdobrável do porta-luvas e saiu para avaliar o estrago.

— Oh, não é um pneu furado — resmungou ela. — Um pneu furado não é suficiente. Dois! Dois malditos pneus furados. — Revirou os olhos para o céu, que, notou ela amargamente, estava já a clarear.

Reparou num ténue arco-íris a cintilar sob uma nesga de sol, pessoalmente insultuoso, dadas as circunstâncias.

Ela iria, quase certamente, chegar atrasada à reunião, mas não ia chegar toda encharcada.

Lado positivo.

Tornou a entrar no carro e ligou para a assistência em viagem. Como ainda tinha as mãos a tremer, optou por esperar mais alguns minutos antes de telefonar para casa.

Decidiu que iria dizer simplesmente que tinha um pneu furado e que estava à espera que a assistência fosse trocá-lo. Ela podia muito bem ter trocado um pneu, se quisesse, pensou. Mas só tinha um sobresselente.

Pousou uma mão sobre a barriga revolta e tirou um antiácido do pacote que tinha na mala.

Se tivesse sorte, faltaria provavelmente uns trinta minutos para chegar o reboque e nessa altura teria de pedir ao motorista para a levar a casa, ou teria de chamar um táxi. Não ia ligar para casa e pedir a uma das sócias que a fosse buscar porque não queria que vissem o carro.

Não antes de uma reunião.

Um táxi, decidiu. Se chamasse um táxi, este pôr-se-ia a caminho juntamente com o reboque. Assim era mais eficiente. Se ao menos parasse de tremer, poderia pôr tudo de novo em ordem. Resolver a situação.

Ouviu o barulho de um motor e o seu olhar voou para o espelho retrovisor. Já estava a abrandar, constatou ela ao expirar de novo. Um motociclo, que tinha certamente mais do que espaço suficiente para passar por ela.

Em vez disso, o motociclo parou atrás.

Bom samaritano, pensou ela. Nem toda a gente era um asno negligente como tinha sido o outro condutor. Abriu a porta do carro para dizer ao motociclista que já tinha chamado auxílio e saiu.

E viu Malcolm Kavanaugh tirar o capacete negro.

Cada vez melhor, pensou ela. Agora estava a ser «salva» pelo amigo do irmão, atual mecânico da família, um homem que a irritava a maior parte das vezes.

Viu-o avaliar a situação enquanto os chuviscos lhe humedeciam as costas e o cabelo desgrenhado. As calças de ganga estavam rasgadas no joelho e manchadas de óleo nas coxas. A camisa preta e o blusão de ca-

bedal contribuíam para a imagem de *bad boy* com um corpo que era um pecado.

E os olhos, pensou ela quando se cruzaram com os seus, que desafiavam uma mulher a cometer um. Mais do que um.

— Estás ferida?

— Não.

Ele observou-a demoradamente como se estivesse a decidir-se. — O teu airbag não disparou.

— Eu não ia assim tão depressa. Não bati em nada. Evitei ser abalroada por um imbecil que se desviou para evitar um cão e depois veio na minha direção. Tive de guinar para a berma e...

— Onde está ele? O outro condutor?

— Não parou. Quem faz uma coisa dessas? Como pode alguém fazer isso?

Sem dizer nada, ele estendeu o braço e pegou na garrafa de água que estava no suporte. — Senta-te. Bebe um pouco de água.

— Estou bem. Estou só furiosa. Estou verdadeiramente furiosa.

Ele deu-lhe um pequeno empurrão e ela sentou-se de lado no banco do condutor. — Como está o pneu sobresselente?

— Nunca foi usado. Está novo. Troquei os pneus todos no inverno passado. Raios.

— Agora vais precisar de alguns novos. — Agachou-se por um instante para aqueles olhos verdes penetrantes ficarem ao mesmo nível dos dela.

Ela precisou de um momento para perceber que o movimento e o tom descontraído da sua voz seriam provavelmente para a manter calma. Como parecia estar a resultar, ela sentia-se grata.

— Vamos comprar iguais aos que tens — continuou ele. — Já agora, quero ver como está o carro.

— Sim, tudo bem, ok. — Ela bebeu depois de constatar que tinha a garganta seca. — Obrigada. Eu estou só...

— Realmente furiosa — concluiu ele endireitando-se. — E eu não te censuro.

— E vou chegar atrasada. Odeio chegar atrasada. Tenho uma reunião em casa daqui a... oh, droga, vinte minutos. Preciso de chamar um táxi.

— Não, não precisas. — Ele olhou para a estrada e viu o reboque aproximar-se.

— Foi rápido. Tu foste rápido. Não esperava... — Ela fez uma pausa quando o cérebro começou outra vez a funcionar. — Vinhas nesta direção? Na tua mota?

— Vou nesta direção, na minha mota — corrigiu ele. — Desde que

chamaste a assistência por teres sido atirada para fora da estrada. Não chamaste a polícia?

— Não anotei a matrícula, nem o modelo do carro. — E isso vexava-a. Bastante. — Aconteceu tudo tão depressa e estava a chover e...

— E seria uma perda de tempo. Bem, o Bill vai tirar fotografias e participar o acidente por ti.

Ela premiu o fundo da mão contra a testa. — Ok. Obrigada. A sério, obrigada. Acho que estou um bocadinho abalada.

— É a primeira vez que te vejo assim. Espera aí.

Ele aproximou-se do reboque e, enquanto falava com o condutor, ela bebericava água e ordenava a si própria que se acalmasse. Estava tudo bem, tudo bem. O condutor dar-lhe-ia boleia até casa e ela nem sequer chegaria atrasada. Dez minutos para chegar a casa, cinco para se refrescar. Contaria a simples história do pneu furado depois da reunião.

Estava tudo bem.

Ergueu os olhos quando Malcolm regressou e lhe entregou um capacete vermelho de bombeiro. — Vais precisar disto.

— Porquê?

— A segurança em primeiro lugar, Pernas. — Colocou-lho na cabeça e o sorriso dele foi quase malandro. — Que gira.

— O quê? — Ela esbugalhou os olhos. — Se achas que eu vou subir para essa mota...

— Queres chegar a horas à reunião? Manter a tua reputação como Senhora Rápida e Eficiente? A chuva já parou. Nem sequer te vais molhar. — Ele voltou a esticar o braço pela frente dela, mas desta vez os corpos tocaram-se. Voltou a recuá-lo com a mala dela na mão. — Vais precisar disto. Vamos embora.

— O condutor não pode... ele não pode simplesmente deixar-me em casa?

Malcolm atou a mala dela à mota e sentou-se. — Não tens medo de andar de mota, pois não? E quê, cerca de dez quilómetros?

— Claro que não tenho medo.

Ele colocou o capacete, ligou a mota e deu algumas aceleradelas pujantes ao motor. — O tempo está a passar.

— Oh, por amor... — Ela mordeu as palavras, aproximou-se da mota nos seus saltos altos e, de dentes cerrados, conseguiu colocar uma perna por cima da mota atrás dele. A saia subiu-lhe pelas coxas.

— Bonito.

— Cala-te.

Ela sentiu mais do que ouviu a gargalhada dele. — Alguma vez andaste numa *Harley*, Pernas?

— Não. Porque andaria?

— Então prepara-te. Vais querer agarrar-te bem a mim. A mim — acrescentou ele um instante depois.

Ela agarrou-se levemente aos lados da cintura dele.

Mas quando ele voltou a acelerar o motor — ela sabia muito bem que ele tinha feito de propósito —, ela engoliu o orgulho e abraçou-se a ele.

Como era possível alguém querer conduzir algo tão barulhento, pensou ela, tão perigoso, tão...

De repente, estavam a voar estrada fora e o vento soprava frio, suave e maravilhoso por todos os bocadinhos do seu corpo.

Ok, ela tinha de admitir que era emocionante, e o seu coração saltou quando ele se inclinou para fazer uma curva. Uma espécie de emoção aterradora. Como uma montanha-russa, que era outra coisa que ela era capaz de admitir que era emocionante sem ser uma experiência necessária na vida de uma pessoa.

A paisagem passava a toda a velocidade. Ela sentia o cheiro da chuva, da erva, o cabedal do casaco dele, sentia a trepidação da mota entre as pernas.

Sexual, admitiu. E provocava aquela emoção atterradoramente excitante. E era com certeza por esse motivo que as pessoas andavam de mota.

Quando ele virou para o caminho de acesso à casa dela, ela teve de resistir à tentação de levantar os braços para sentir o vento bater-lhe nas palmas das mãos.

Quando ele parou à porta de casa, Del saiu.

— Mal.

— Del.

— Parker, onde está o teu carro?

— Oh, um pneu furou a meio do caminho. O Mal apareceu. O motorista do reboque ficou a arranjá-lo. Tenho uma reunião.

O irmão inclinou a cabeça e ela viu o canto da sua boca tremelicar. — Parker. Tu vieste de mota.

— E então? — Ela estava a tentar descer com graciosidade, mas os saltos altos e a saia aumentavam o desafio.

Mal desceu simplesmente e tirou-a como se estivesse a descarregar uma encomenda.

— Obrigada. Muito obrigada. Tenho de me despachar, ou...

— Vais atrasar-te. — Ele desprendeceu a mala dela. — Provavelmente não vais querer usar isto.

Desapertou-lhe o capacete e tirou-lhe da cabeça.

— Obrigada.

— Já disseste isso. Algumas vezes.

— Bem... — Estranhamente embaraçada, ela virou-se e correu para dentro de casa.

Parker ouviu Del dizer: — Entra e bebe uma cerveja.

E tentou não estremecer quando Mal disse arrastadamente: — Com todo o gosto.

Mal seguiu Del para dentro de casa e viu de relance Parker a correr escada acima. A mulher tinha cá umas pernas; pernas que ele considerava dignas de Hollywood.

As restantes sócias — a loura fria, a beldade de cabelo preto e a ruiva esbelta — estavam à porta do que ele calculava usarem como um gabinete, todas a falar ao mesmo tempo.

Eram uma visão e tanto.

— Pneu furado — disse Del e continuou a andar.

A mansão Brown tinha estilo, pensou Mal, tinha classe, tinha *peso* e, ainda assim, conseguia ter atmosfera de lar e não de museu. Ele calculava que tal se devesse a quem ali vivia e tinha vivido.

Cores quentes, arte que chamava a atenção e não desconcertava, cadeiras confortáveis, mesas reluzentes e flores, flores e mais flores combinadas com aquele estilo, aquela classe e peso.

Mas ele nunca sentia que tivesse de manter as mãos nos bolsos por receio de deixar dedadas nalguma coisa.

Ele já tinha estado em quase toda a casa — excluindo a ala privada de Parker (e não seria interessante alterar isso?) — e sempre se sentira confortável. Contudo, a zona mais descontraída e acolhedora da casa continuava a ser a cozinha da senhora Grady.

A mulher virou-se de costas para o fogão, onde estava a mexer algo com um aroma divinal.

— Então, é o Malcolm.

— Como vai, senhora Grady?

— Bastante bem. — Ela ergueu uma sobrancelha quando Del tirou duas cervejas do frigorífico. — Leva isso lá para fora. Não vos quero aqui debaixo dos meus pés.

— Sim, senhora — disseram os dois homens em simultâneo.

— Presumo que fiques para jantar — disse ela a Malcolm.

— Está a convidar-me?

— Convidarei, se o Delaney tiver esquecido a boa educação.

— Ele acabou de chegar — resmungou Del.

— Como os outros rapazes já me convenceram a dar-lhes jantar a seguir à reunião, eu posso esticar a coisa para mais um. Se ele não for esquisito.

— Se é a senhora Grady quem cozinha, agradeço nem que seja só uma garfada.

— Tens o dom da língua, não tens, meu menino?

— É o que dizem as miúdas.

Ela deu uma pequena gargalhada e bateu com a colher na borda de uma panela. — Lá para fora, os dois.

Del abriu o frigorífico e tirou mais duas cervejas. Enfiou três das quatro nas mãos de Mal e pegou no telemóvel quando se encaminhavam lá para fora. — Jack. É o Del. Tenho cerveja. Chama o Carter. — Desligou de novo o telefone.

Mal reparou que ele ainda tinha o fato vestido e embora tivesse tirado a gravata e desapertado o colarinho, continuava a ter o aspeto de advogado licenciado em Yale. Tinha o mesmo tom de pele da irmã, o mesmo cabelo espesso castanho, os mesmos olhos azuis. Os traços dela eram mais suaves, mais delicados, mas qualquer um com olhos de ver perceberia que eram irmãos.

Del sentou-se e esticou as pernas. O seu modo de estar tendia a ser mais descontraído e muito menos picuinhas do que o da irmã, e talvez fosse por esse motivo que se haviam tornado companheiros de póquer e depois amigos.

Abriram as garrafas e quando Malcolm bebeu um primeiro gole gelado, o seu corpo relaxou pela primeira vez desde que tinha pegado nas suas ferramentas doze horas antes.

— O que aconteceu? — perguntou Del.

— Com o quê?

— Não brinques comigo, Mal. Um pneu furado, uma ova. Se a Parker tivesse tido um furo num pneu, tu, ou ela, tinham-no trocado e ela não teria vindo para casa na tua mota.

— Ela teve um pneu furado. — Malcolm deu mais um gole na cerveja. — Na verdade, dois. Estão irreparáveis. — Encolheu os ombros. Não ia mentir a um amigo. — Segundo o que ela me disse, e pelo aspeto das coisas quando lá cheguei, um idiota qualquer desviou-se para evitar um cão. A Parker teve de guinar para a berma para evitar ser abalroada. Estrada molhada, talvez um pouco receosa de mais, ela fez um pequeno peão e rebentou com os dois pneus esquerdos. Pelas marcas de derrapagem, pareceu-me que o outro condutor estava a esgalhar... ela não. E ele nem parou.

— Ele deixou-a lá? — A indignação tingiu a voz de Del e transtornou-lhe o rosto. — Filho da mãe. Ela anotou a matrícula? A marca?

— Não anotou nada e não posso censurá-la. Deve ter acontecido no auge daquela tempestade rápida e ela estava ocupada a tentar controlar o

carro. Eu diria que ela se saiu bastante bem. Não bateu em nada, e nem sequer despoletou o airbag. Estava abalada e furiosa. E estava ainda mais furiosa por pensar que ia chegar atrasada à reunião.

— Mas ferida, não — disse Del, essencialmente para si mesmo. — Ok. Onde?

— A cerca de dez quilómetros daqui.

— Vinhas a caminho daqui, na tua mota?

— Não. — Raios partissem o interrogatório. — Olha, a minha mãe recebeu a chamada e foi dizer-me que alguém tinha atirado a Parker para fora da estrada e que ela estava sem carro, por isso eu fui até lá para ver como ela estava enquanto a minha mãe mandava para lá o Bill.

— Obrigado, Mal.

Ele olhou quando a senhora Grady saiu da cozinha e pousou um prato com aperitivos salgados e outro com azeitonas na mesa. — Ensopem um bocado dessa cerveja. Lá vêm os vossos amigos — acrescentou ela, acenando com a cabeça para o relvado enquanto a luz do crepúsculo tremeluzia. — Tu. — Tocou no ombro de Malcolm. — Podes beber mais uma cerveja, já que só vamos jantar daqui a uma ou duas horas, e depois acabou-se até estacionares aquela máquina monstruosa na tua casa.

— Primeiro podíamos sair os dois para dançar.

— Cuidado. — Piscou-lhe o olho. — Ainda tenho muito para dar.

Voltou para dentro, deixando Malcolm a sorrir. — Aposto que sim. — Ergueu a cerveja na direção de Jack e Carter em saudação.

— Aqui está o que o médico prescreveu. — Jack Cooke, o menino-bonito arquiteto e colega de faculdade de Del, abriu uma cerveja. As botas robustas e as calças de ganga levaram Mal a concluir que nesse dia Jack se tinha focado no trabalho de campo e não no escritório.

Ele contrastava com a camisa *oxford* e as calças beges de Carter. Os óculos de leitura de Carter espreitavam do bolso da camisa e fizeram Malcolm imaginá-lo no novo gabinete a classificar trabalhos com o casaco *tweed* de Professor Maguire cuidadosamente pendurado no armário.

Ele achava que formavam um grupo heterogéneo — se é que sabia o significado certo da palavra — com Del no seu elegante fato italiano, Jack com as suas botas de trabalho, Carter com as suas calças de professor e ele próprio...

Bem, que diabo, se ele soubesse que ia ser convidado para jantar, teria trocado de calças.

Provavelmente.

Jack agarrou numa mão-cheia de aperitivos salgados. — O que se passa?

— Alguém atirou a Parker para fora da estrada. O Mal foi ajudá-la.

— Ela está bem? — Carter pousou rapidamente a sua cerveja sem beber. — Está ferida?

— Ela está bem — disse Malcolm. — Teve só dois pneus furados. Nada de mais. E eu consegui umas cervejas e jantar à pala disso. Foi um ótimo negócio.

— Ele convenceu a Parker a andar de mota.

Jack bufou e desviou o olhar de Del para Mal. — Estás a gozar?

— O menor de dois males. — Agora divertido, Malcolm comeu uma azeitona. — A minha mota, ou chegar atrasada à reunião. Seja como for...

— Comeu outra azeitona. — Eu acho que ela gostou. Vou ter de a levar a dar um passeio a sério.

— Certo. — Del deu uma meia gargalhada. — Boa sorte com isso.

— Não achas que eu consiga voltar a pô-la na mota?

— A Parker não é propriamente a tua *Motorcycle Mama*.

— Cuidado com o que dizes sobre a minha mãezinha. — Mal pensou no assunto enquanto bebericava a cerveja. — Sou capaz de apostar cem dólares como em menos de duas semanas consigo convencê-la a voltar a andar durante uma hora inteira.

— Se desperdiças assim o teu dinheiro, vou ter de continuar a comprar-te a cerveja.

— Aceito o teu dinheiro — disse Jack, e enfiou a mão nos aperitivos.

— Não tenho quaisquer escrúpulos em aceitar o teu dinheiro.

— Apostado. — Malcolm apertou a mão a Jack. — Ainda podes apostar — disse para Del.

— Muito bem. — Quando apertavam as mãos, Del olhou de relance para Carter. — Queres apostar?

— Não, não me parece... Bem, na verdade, acho que vou apostar no Malcolm.

Malcolm olhou pensativamente para Carter. — Se calhar, és tão inteligente como pareces.

CAPÍTULO TRÊS



Segundo a experiência de Malcolm, a maioria das pessoas não se sentava para uma refeição de pernil de porco bem tostado, batatas e cenouras bebé assadas e espargos delicadamente grelhados numa terça-feira típica. E provavelmente não a degustava à luz de velas, com flores e vinho cintilando em copos de cristal.

Mas também, a família Brown não era como a maioria das pessoas.

Ele teria dispensado o caro vinho francês mesmo sem o olhar ameaçador da senhora Grady. Há muito tempo que deixara de beber antes de conduzir a sua mota.

Tinha planeado vagamente ir para casa, terminar o longo dia com um treino, tomar um duche, enfiar alguma coisa entre duas fatias de pão, abrir uma cerveja e relaxar um bocado em frente da televisão.

Teria sido um bom programa.

Mas tinha de admitir que aquilo era melhor.

Não só a comida — embora, meu Deus, como a senhora Grady cozinhava bem! — mas o lugar, tudo em geral. Mulheres bonitas, homens de quem gostava, a espantosa senhora Grady.

E, especialmente, a sempre intrigante Parker Brown.

Ele achava que ela tinha um rosto para a luz de velas. Elegante sem ser frio, a não ser que ela o quisesse. Sexy, mas subtil, como um relevo de renda debaixo de uma camisa engomada.

Depois havia a voz: registo baixo, um toque de rouquidão, mas mutável como o tempo, de enérgica a cerimoniosa, de calorosa a gélida. Ela

funcionava com esses tons. Sabia exatamente como utilizá-los, decidiu ele.

Ela precisara de relatar toda a história sobre quase ter sido abalroada e usara um tom descontraído com algumas notas de irritação. Se ele não a tivesse visto imediatamente a seguir ao incidente, poderia ter acreditado no fingimento dela de que nunca correria realmente sério perigo e que estava apenas chateada com a própria reação exagerada e com a falta de cuidado do outro condutor.

Mesmo com a representação, os outros tinham-na sufocado com demonstrações de preocupação, metralhado com mais perguntas e insultado o outro condutor. E tinham despejado gratidão em cima dele até ele se sentir enterrado.

Supunha que tanto ele como Parker tinham sentido o mesmo nível de alívio quando o tópico de conversa tinha mudado.

Ele gostava de os ouvir a todos. O jantar de grupo — que ele calculava ser mais familiar — prolongava-se ruidosamente e envolvia bastante conversa cruzada. Mal não se incomodava com isso. Significava que não precisava de falar muito e, na sua opinião, aprendia-se mais sobre as pessoas quando se deixava que falassem livremente.

— O que vais fazer com a mesa de bilhar? — perguntou Jack a Del.

— Ainda não decidi.

Malcolm ficou suficientemente interessado para perguntar: — O que se passa com a mesa de bilhar?

— Nada.

— O Del vai vender a casa e mudar-se para cá — disse Carter a Mal.

— Vai vendê-la? Quando é que ele decidiu isso?

— Foi um desenvolvimento muito recente. — Del arqueou as sobran-celhas a Mal enquanto barrava com manteiga um dos croissants da senhora Grady. — Queres comprá-la?

— Que diabo ia eu fazer com ela? É suficientemente grande para uma família de dez pessoas mais os avós do Iowa. — Pensou no assunto enquanto cortava mais um pedaço de pernil. — Existe alguma forma de comprar simplesmente a sala de jogos?

— Lamento, mas não. Mas estou com umas ideias para aquilo tudo.

— Avisa-me quando estiveres pronto para vender as máquinas de flippers.

— Onde vais colocá-las? — perguntou Jack. — Mal tens espaço para te virar naquele apartamento por cima da garagem da tua mãe.

— Pelos clássicos deito fora a cama e durmo no chão.

— Rapazes e os seus brinquedos. — Laurel revirou os olhos em di-

reção a Del. — Não podes colocar os teus no nosso quarto. Linha na areia, Delaney. Uma linha indelével.

— Tinha um sítio diferente em mente. — Del olhou de relance para Parker. — Depois falamos.

— Está bem. Pensei que eras capaz de querer transformar um dos sótãos — começou Parker — mas fui dar uma olhadela e não sei se aguentariam aquele peso todo em segurança. Pelo menos, não se quiseses ficar com a mesa de bilhar de ardósia.

— Eu não estava a pensar em cima. Estava a pensar em baixo.

— Baixo? — repetiu Parker. — Onde... Oh, meu Deus, Del, numa das caves, não.

— Quantos sótãos e caves tem esta casa? — segredou Mal a Emma.

— Três sótãos, duas... não, três caves, se contarmos com a assustadora sala da caldeira, onde vivem os demónios que comem carne de meninas.

— Fixe.

— Claro, quando se é um menino como era o Del. — Emma semi-cerrou os olhos escuros ao olhar para o outro lado da mesa. — Mas quando se é uma menina a jogar ao Caça ao Tesouro, pode-se ficar marcada para o resto da vida por um certo menino mau com uma lanterna de lâmpada vermelha, um andar desengonçado e uma gargalhada baixa e louca. — Pegou no copo de vinho e estremeceu um bocadinho. — Continuo a não conseguir ir lá abaixo.

Ele ficou pensativo enquanto Parker e Del discutiam caves, Laurel sorria para o seu vinho, Jack pegava noutra croissant e Mac segredava algo ao ouvido de Carter que lhe fez corar a ponta da orelha.

Interessante.

— Olha, — disse Del, — tu usas a cave da ala oeste para armazenares as traquitanas dos eventos: mesas extra, cadeiras, o que for.

— Vamos comprar mais coisas. Estamos a investir por nós próprias — salientou Parker. — Por isso aproveitamos o espaço em vez de o alugar.

— E é um bom negócio. Já lá estive inúmeras vezes quando estava a ajudar nos eventos. Tens espaço suficiente para um salão de exposição.

— Não é o espaço, Del. Tu podes ficar com o espaço. — Obviamente a ponderar as opções, Parker olhou de sobrolho franzido para o copo de água e depois para Del. — Podemos mudar o armazém para a ala este, mas mesmo assim...

— Não, não! — Emma acenou ambas as mãos. — Fica demasiado perto da Boca do Inferno.

— E ainda lá está, — disse Del sombriamente, — à tua espera.

— Odeio-te, Delaney. Bate-lhe, Jack — exigiu Emma. — Bastante.

— Ok. Posso terminar primeiro este croissant?

— Este, oeste, — interrompeu Parker, — é sempre uma cave. Praticamente não existe luz natural, os tetos ficam a pouco mais de dois metros de altura, chão de betão, paredes rebocadas, canos por toda a parte.

— Melhor ainda para um Homem das Cavernas. Além disso, porque é que achas que eu me dou bem com ele? — Apontou para Jack. — Ele é mais do que uma cara bonita.

— Pegar na cave profunda e transformá-la num EDE? Para vocês, civis, é um Espaço de Entretenimento — explicou Jack com o interesse a cintilar-lhe nos olhos esfumados. — Posso fazer isso.

— As paredes têm trinta centímetros de espessura, — continuou Del, — por isso o espaço poderia ser utilizado até durante os eventos e ninguém ouviria nada. — Ergueu o copo de vinho e rodopiou o último dedo de vinho enquanto olhava para Emma. — Tal como ninguém ouve os gritos aflitivos das meninas a serem comidas vivas pelo demónio de um só olho vermelho.

— Sacana. — Emma encolheu os ombros.

— Vamos dar uma olhadela.

Parker fitou Del. — Agora?

— Claro.

— Não vou lá abaixo — resmungou Emma.

— Oh, querida. — Jack inclinou-se para envolver Emma com um braço. — Eu protejo-te.

Ela abanou a cabeça a Jack. — Isso dizes tu agora.

— Vocês, rapazes, vão andando. — Mac acenou com o copo de vinho. — O Carter e eu vamos terminar o nosso vinho e depois temos... coisas para fazer em casa.

— Ainda falta uma tarte de pêsego — anunciou a senhora Grady.

— Bem... — Mac sorriu. — Temos sobremesa em casa, não temos, Carter?

As orelhas dele coraram novamente. — Aparentemente.

— Anda, Mal — convidou Del. — Oferecemos-te uma visita guiada às profundezas para arranjares espaço para a tarte.

— Claro. — Ele levantou-se a seguir a eles e pegou no prato para o levar para a cozinha.

— Deixa isso agora. — A senhora Grady acenou-lhe com um dedo. — Vai lá explorar primeiro.

— Ok. Foi o melhor pernil que já comi.

— Vou embalar um pedaço para levars para casa.

Ele baixou-se quando passou por ela. — Devo-lhe uma dança — sussurrou-lhe ao ouvido e fê-la rir.

— O que foi isso? — perguntou-lhe Parker.

— Conversa particular.

Ele seguiu-os, percorrendo escadas secundárias que supunha terem testemunhado outrora o corrupto de criados e perguntando-se por que motivo Parker ainda estava de saltos agulha.

À medida que Del ligava os interruptores, intensas luzes fluorescentes acendiam-se para revelar um enorme labirinto.

Ele reparou nos tetos baixos, nas paredes sem acabamento, nos canos expostos e, quando viraram para um espaço aberto, notou também as prateleiras de utilitários, as pilhas de mesas, cadeiras e bancos.

Uma cave, sem dúvida, com o toque certo de lugubridade e tão impecavelmente limpa como a cozinha de um restaurante de cinco estrelas.

— O quê? Vocês têm gnomos na cave que vêm limpar durante a noite?

— Lá porque é armazém, não significa que não deva estar limpo — respondeu Parker. — Del, isto aqui é deprimente.

— Agora.

Entrou num corredor, baixou-se sob mais canos com o que Mal presumia ser a graça da experiência e continuou a avançar em espiral.

— Velha sala da caldeira. — Del espetou um polegar na direção de uma porta de madeira. — Onde demónios se babam e aguçam as suas presas nos ossos de...

— Não caí nessa quando tinha oito anos — lembrou-lhe Laurel.

— É uma pena. — Colocou o braço sobre os ombros dela; ela envolveu o seu na cintura dele.

Malcolm ajustou a passada para caminhar ao lado de Parker. — É bastante espaço.

— Já teve algumas encarnações e diversas utilizações. Entre elas, armazenamento, como agora. E o meu bisavô tinha uma oficina aqui em baixo. Ele gostava de construir coisas e diz-se que gostava de ter um espaço tranquilo para onde ir quando a minha bisavó estava com os azeites. Eles armazenavam conservas e tubérculos comestíveis e o que mais enlatavam durante as colheitas. O meu pai dizia que os pais dele o tinham usado como abrigo antiaéreo durante os anos cinquenta.

Quando o espaço se alargou novamente, ela parou e colocou as mãos sobre as ancas. — Céus, Del, isto é assustador! Parece uma catacumba.

— Eu gosto. — Jack deu uma volta de olhos semicerrados. — Tira-se aquela parede para alargar a abertura. Colocam-se vigas e colunas. Assim pode-se incluir mais uma janela e trazer um pouco mais de luz.

— Chamas janela àquela brecha? — perguntou Laurel.

— A luz é uma prioridade e arranja-se forma. — Jack olhou para cima. — Teríamos de desviar alguns canos para te conseguir mais espaço de

passagem. O espaço não é problema, por isso a minha ideia seria apainelar as paredes, refazer a instalação elétrica e a canalização. Pôr uma boa instalação sanitária ali, equilibrar isso com um *closet* do outro lado. Por mim, instalaria uma lareira a gás. Calor e ambiente, talvez acrescentar pedra ou tijolo à parede. Ladrilhar o chão e pôr elementos de aquecimento debaixo dos ladrilhos.

» Tens as portas do alçapão ali. Quero pensar nisso, tirar medidas, mas é exequível. Oh, sim, é exequível.

Del olhou para Parker e levantou uma sobrancelha.

— Se é o que queres, claro, por mim tudo bem.

— Aí tens a tua luz verde, Cooke.

Jack esfregou as mãos. — *Yes!*

— Agora vão começar a falar sobre paredes de suporte e canalização grosseira. — Laurel abanou a cabeça. — Eu vou subir. Ainda mal consegui desanuviar a cabeça por causa da construção da minha cozinha auxiliar. Que é obra de um génio — acrescentou para Jack.

— Não fazemos por menos.

— Vou contigo. — Parker começou a afastar-se com Laurel e depois parou. — Jack, podemos pôr soalho aquecido no espaço de armazém?

— Isso e muito mais, minha querida.

Ela sorriu. — Talvez conversemos.

Quando Malcolm regressou ao exterior — e diabos o levassem se Jack não o tinha feito ver um espaço tão elegante, talvez até mais, do que o paraíso de testosterona na atual casa de Del —, a senhora Grady, Emma, Laurel e Parker tinham já avançado com a limpeza e arrumação.

Ele pegou na mão da senhora Grady e abanou a cabeça. — Nã-nã. A senhora vai sentar-se. — Apontou para o banco no recanto do pequeno-almoço. — Quem cozinha não trata da arrumação. É a Lei dos Kavanaugh.

— Sempre gostei da tua mãe.

— Eu também gosto bastante dela. Quer mais um pouco de vinho?

— Já tive o meu quinhão, mas não me importava de beber um chá.

— É para já.

Dirigiu-se ao fogão, abanou a chaleira e desviou Parker do caminho com um empurrão para a encher à torneira. Respondeu ao olhar dela com um dos seus.

— Algum problema?

— Não.

— O teu cabelo cheira como umas flores brancas que desabrochavam num arbusto que eu tinha debaixo da janela do meu quarto quando estávamos a morar na Florida. Adoro.

Pousou a chaleira no bico de gás e ligou-o. Os outros homens entraram quando ele estava a aceitar uma pilha de pratos de Emma.

— Raios — queixou-se Del. — Não ficámos lá em baixo tempo suficiente.

— Podem ir buscar o que resta em cima da mesa — disse-lhes Laurel. — Estamos com pouca ajuda, já que a Mac e o Carter se pisgaram para irem comer a sobremesa em casa. Que se soletra s-e-x-o.

— Se tivessem esperado uma hora, podiam ter tido tarte e sexo. — Malcolm encontrou uma chávena com pires num armário. — Não podia ser melhor.

E, descobriu ele pouco depois, era uma tarte muitíssimo boa.

Verificou as horas antes de se levantar da mesa. Del e Jack estavam debruçados sobre desenhos que Jack tinha esboçado num bloco de notas que alguém tinha desencantado e Laurel falava sobre receitas com a senhora Grady.

— Tenho de ir. Obrigado, senhora Grady.

— Noite de póquer — disse Del, erguendo os olhos. — Traz dinheiro.

— Claro, já que vou sair daqui com o teu.

— Dá cumprimentos meus à tua mãe. Parker. — A senhora Grady bateu com um dedo na mesa. — Vai buscar as sobras que eu separei para o Malcolm.

Melhor ainda, pensou Malcolm, e sorriu abertamente para a senhora Grady quando esta lhe piscou um olho. Seguiu Parker para dentro da cozinha.

— Parece que amanhã também vou comer como um rei. — Enfiou a caixa debaixo do braço.

— A senhora G tem um fraquinho por vadios. Eu não queria dizer bem isto — disse ela rapidamente.

— Percebi que não quisesses.

— Agradeço-te imenso a ajuda que me deste esta noite. Poupaste-me imenso tempo e problemas. Acompanho-te à porta.

Ele reparou que ela tinha assumido um tom formal. Aquele que ordenava nitidamente um homem a dar um passo atrás. Ele aproximou-se deliberadamente quando atravessavam a casa.

— Podes dar-me uma estimativa de quando poderei ir buscar o meu carro?

Agora era toda negócios, pensou Malcolm. — A minha mãe liga-te amanhã de manhã para te informar dos pneus e depois combina isso contigo. Como o carro já lá está, posso dar-lhe uma vista de olhos.

— Eu ia marcar uma revisão geral no próximo mês, mas, sim, como já lá está...

— Tens tido algum problema com ele?

— Não. Nenhum.

— Isso deve facilitar as coisas.

Ela estendeu a mão em direção à porta. Ele adiantou-se.

— Obrigada, uma vez mais. Fico à espera do telefonema da tua mãe amanhã.

Rápida e seca como um aperto de mão, pensou ele. Pousou a caixa numa mesa que sustinha uma jarra com enormes rosas cor-de-laranja. Umhas vezes avançava-se depressa, pensou ele; outras, devagar.

Ele avançou depressa e deu-lhe um puxão rápido que fez o corpo dela embater contra o seu. A forma como ela disse *desculpa*, como um professor a um aluno indisciplinado, fê-lo sorrir antes de tomar a boca dela com a sua.

Era ainda melhor que a tarte.

Macia, saborosa, madura, com um ténue laivo de sobressalto para cortar a suavidade. Ele sentiu os dedos dela enterrarem-se-lhe nos ombros e o suave tremor podia ser de indignação, ou de prazer.

Ele já a tinha provado. Uma vez em que ela o agarrara e lhe dera um beijo para provocar Del, e de novo quando ele seguira os próprios instintos numa visita à casa deles nos Hamptons.

E cada vez que a provava, ficava a querer mais.

Muito mais.

Ele não se preocupou em ser delicado. Imaginou que ela já tivesse tido muitos delicados, educados, e não estava inclinado a ser nenhum dos dois. Por isso satisfez-se, deixando as mãos percorrerem o corpo verdadeiramente excepcional que ela tinha, para cima e para baixo, sentindo-a derreter-se lentamente contra si.

Quando ouviu o ronronar no fundo da garganta dela, quando o provou na sua língua, libertou-a. Recuou e pegou na caixa com as sobras de comida.

Sorriu para ela. Era a primeira vez que a via aturdida e sem palavras.

— Até logo, Pernas.

Saiu e prendeu a caixa à mota. Depois de subir para a mota e de ligar o motor, olhou para trás para a ver especada à porta.

Ela era uma visão e tanto, pensou ele, emoldurada no seu fato formal, apenas um pouco amarrotado, com a casa enorme e linda à sua volta.

Bateu no capacete em despedida e depois arrancou com aquela imagem tão nítida na sua cabeça como o gosto dela na língua.

Parker entrou, fechou a porta e depois virou-se e deu um salto quando viu Laurel no átrio.

— Posso dizer *uau*?

Parker abanou a cabeça, desejando ter algo para fazer com as mãos.

— Ele só... me agarrou.

— Imagino. E sai mais um *uau!*
— Ele é bruto e insistente e...
— Verdaderamente atraente. E eu digo isto enquanto mulher loucamente apaixonada pelo teu irmão. Posso também acrescentar — continuou ela enquanto se aproximava de Parker — que, como não desviei educadamente o olhar nem me fui embora, por acaso vi que não estavas propriamente a debater-te.
— Ele apanhou-me de surpresa. Além disso, eu não lhe daria essa satisfação.
— Lamento, mas ele parecia-me bastante satisfeito. E, Parker... — Deu uma palmadinha no braço da amiga. — Tu estás com um ar atrapalhado, resplandecente e deslumbrado.
— Não estou nada resplandecente!
Laurel agarrou simplesmente nos ombros de Parker e virou-a para o grande espelho do átrio. — Estavas a dizer...?
Talvez ela tivesse realmente as maçãs do rosto coradas, e talvez os olhos estivessem um pouco brilhantes, mas... — Isto é irritação.
— Não vou dizer «mentirosa, mentirosa», mas, Parks, debaixo dessa saia, estás em brasa.
— Está bem. Muito bem! Ele beija bem, para quem gosta do tipo rude e arrogante.
— Não me parecias estar a desgostar.
— Isso foi porque ele me armou uma emboscada. E esta é uma conversa estúpida sobre uma coisa sem importância. Vou subir.
— Eu também, e foi por isso que assisti a uma bela cena sem importância.
Começaram a subir juntas, mas antes de se separarem, Parker parou no patamar. — Eu estava a usar a Capa da Inacessibilidade.
— O quê?
— Não sou estúpida. Ele fez-se um bocadinho na cozinha. Na verdade, ele faz-se um bocadinho sempre que eu me cruzo com ele, o que é desconcertante, mas eu sei lidar com isso. Por isso, quando o acompanhei à porta, pensei que ele podia ter ideias.
Laurel esbugalhou os olhos. — Vestiste a Capa da Inacessibilidade? O famoso escudo que repele homens de todas as idades, credos e afiliações políticas?
— Sim.
— Porém, ele não foi repelido. Ele é imune. — Deu uma palmada no braço de Parker. — É capaz de ser o único da espécie.
— Não tem graça.
— Claro que tem. E também é sexy.

— Não estou interessada em ter nada engraçado nem sexy com o Malcolm Kavanaugh.

— Parker, se não estivesses interessada, tinha-lo sacudido como algodão numa lapela. Ele... — Laurel procurou a palavra certa. — Ele intriga-te.

— Não, ele... talvez.

— Como tua amiga, deixa-me dizer-te que é bom ver-te intrigada com um homem, especialmente quando eu gosto do homem e reparei que ele também se sente intrigado contigo.

Parker encolheu um ombro. — Ele só quer levar-me para a cama.

— Bem, claro que ele te quer levar para a cama. Mas eu não estou completamente convencida de que seja apenas isso.

— Não vou fazer sexo com ele. Temos uma relação de negócios.

— Porque ele é teu mecânico?

— Agora é o mecânico da Votos, e é amigo do Del.

— Parks, as tuas desculpas são tão fraquinhas que mal se aguentam, o que me leva a pensar que estás com medo de querer fazer sexo com ele.

— Não se trata de sexo. Nem sempre tudo gira à volta do sexo.

— Foste tu quem tocou no assunto.

Apanhada, admitiu Parker. — E agora estou a querer acabar com ele. Tenho preocupações de mais na minha cabeça para estar a pensar nisto. Amanhã temos um dia cheio. Os próximos cinco dias vão ser de trabalho intenso.

— Pois é. Queres que suba e que fique mais um bocadinho?

O facto de ela querer, querer realmente, só serviu para confirmar a Parker que estava a dar demasiada importância a uma coisa insignificante.

— Não, obrigada, estou bem. E tenho uma pequena tarefa para concluir antes de me deitar. Até amanhã.

Parker subiu sozinha e ligou a TV para ter companhia. Depois de descalçar os sapatos, verificou se tinham alguma mocha ou risco. Satisfeita, pousou-os no seu lugar na estante dos sapatos do seu *closet*. Depositou o fato no saco da roupa para limpeza a seco e recolocou as joias nos espaços a elas destinados dentro das gavetas pequenas.

Vestiu uma camisa de noite, um robe e enfiou o telemóvel no bolso do robe. Ponderou tomar um longo banho quente, mas descartou a hipótese já que longos banhos quentes encorajavam-na a pensar e a sonhar. Não queria fazer nenhuma das coisas.

Em vez disso, concentrou-se na agenda do dia seguinte enquanto limpava, tonificava e hidratava o rosto.

Resplandecente, pensou ela, olhando friamente para a sua imagem refletida no espelho. Que palavra tola. Totalmente inadequada.

Laurel tinha febre de romance. Todas as noivas a apanhavam e, devi-

do aos seus efeitos secundários, viam tudo e todos através de uma bonita névoa de amor.

Que bom para elas, admitiu quando tirava a fita do cabelo. Bom negócio para a Votos.

E, falando de negócio, iria agora tirar uma hora para introduzir os dados da reunião daquela tarde e as escolhas preferenciais dos clientes.

Aproximadamente 225 na lista de convidados, pensou ela quando regressava para o quarto com a intenção de ir trabalhar no portátil para a sua sala de estar. Seis acompanhantes da noiva, incluindo uma menina para levar as flores, que teria cinco anos, no casamento de junho.

A flor preferida da noiva era a peónia, as cores escolhidas — pelo menos, até àquela data — eram o rosa e o verde. Tons suaves.

Suave, pensou Parker de novo, e mudou de direção para abrir as portas do terraço e sair. Iria primeiro apanhar um pouco de ar, respirar um pouco do ar noturno.

A noiva queria tudo suave e delicado. Pedira a Parker para se encontrar com ela no salão para ver o vestido que tinha escolhido, o que provava que era uma noiva que compreendia que o vestido criava o centro de qualquer que fosse o tom, o tema ou a atmosfera do casamento.

Todas aquelas bonitas camadas vaporosas, recordou Parker, o brilho subtil das pérolas e os pormenores amorosos da renda.

Pastéis e peónias, tule cintilante e promessas sussurradas.

Ela era capaz de imaginar. Iria tratar disso. Era excelente a tratar das coisas.

Não havia motivo, nenhum bom motivo, para se sentir tão agitada, tão inquieta, tão baralhada.

Nenhum motivo para ficar ali a olhar para os jardins cobertos pela noite a lembrar-se da emoção inesperada de um passeio de mota que tinha durado apenas alguns minutos.

E tinha sido rápido, perigoso e imprudentemente empolgante.

Muito parecido, mesmo muito parecido, com o beijo rude e violento de um homem descarado no seu próprio átrio.

Ela não estava interessada nessas coisas. De todo. Intrigada, talvez, mas estar intrigada era um assunto diferente. Ela achava os tubarões intrigantes quando nadavam daquele modo misteriosamente silencioso no tanque de um aquário, mas isso não queria dizer que tivesse algum interesse em mergulhar com eles.

O que não era uma comparação razoável, admitiu com um suspiro. Nada razoável.

Malcolm podia ser arrogante, podia ser descarado, mas não era um tubarão. Tinha sido tão natural com a senhora G., e até um pouco querido

nesse campo. Ela tinha um radar infalível para fingidos no que tocava ao seu comportamento para com os que amava, e não tinha havido qualquer fingimento no comportamento de Malcolm.

Depois havia a sua amizade com Del. Del podia tolerar relações profissionais com fingidos e tubarões, mas nunca uma relação pessoal.

Então o problema, se é que existia um problema, estava obviamente nela. Teria de o corrigir. Corrigir, resolver e eliminar problemas era o que fazia no dia a dia.

Iria encontrar a solução para aquele, implementá-la e depois seguir em frente. Precisava primeiro de averiguar e de identificar o dito problema, mas fazia uma boa ideia de qual seria a sua origem.

Em determinado ponto da intriga — não interesse, mas intriga —, em determinado ponto dessa intriga, ela sentia-se atraída.

De um modo estritamente básico e químico.

Ela era humana, era saudável e Laurel tinha razão. Malcolm era atraente. Do seu modo primitivo e grosseiro.

Motas e cabedal, ganga rasgada e sorrisos pretensiosos. Mãos fortes e boca faminta.

Parker colocou uma mão sobre a barriga. Sim, definitivamente uma vertente de atração. Agora que o tinha admitido, podia encontrar a melhor forma de a neutralizar.

Como uma bomba.

Como uma bomba que tinha explodido dentro dela quando ele a puxara... a puxara, pensou ela novamente. Ela não gostava de ser puxada.

Gostava?

— Não interessa — balbuciou. Os problemas resolviam-se com respostas, não com mais perguntas.

Quem lhe dera não ter tantas malditas perguntas.

Dentro do seu bolso, o telefone tocou. Ela agarrou-o como uma mulher se agarra a uma boia num mar tempestuoso.

— Graças a Deus — disse, aliviada. A noiva louca dar-lhe-ia, sem dúvida, um problema que poderia resolver com eficiência. E manter o pensamento afastado dos seus.

— Olá, Sabina! Em que posso ajudar?

CAPÍTULO QUATRO



Parker preparava-se para a reunião matinal com o pessoal, com *BlackBerry* e computador portátil. Instalou-se na ampla mesa redonda no que outrora fora a biblioteca de sua casa e agora servia como sala de reuniões da Votos.

As paredes de livros e o aroma denso a cabedal permaneciam, e em dias de outono mais agrestes, ou nas manhãs frias de inverno, o fogo da lareira crepitava como acontecia desde que tinha memória. Os candeeiros que conferiam uma atmosfera aconchegante aos confortáveis assentos tinham pertencido à avó. Os tapetes, um pouco desbotados e esfiapados do tempo e do uso, vinham de uma geração anterior a essa. Artigos emoldurados, sobre a Votos e as mulheres por detrás da empresa, estavam expostos com habilidade nas paredes entre os armários.

Na mesa comprida ao lado, o serviço de café da mãe cintilava e, debaixo deste, enfiado por detrás das portas antigas, estava um frigorífico pequeno para escritório cheio de água e refrigerantes.

Na sua opinião, a sala representava a mistura da tradição e do empreendedorismo essenciais para os seus objetivos pessoais e para o negócio.

Ela verificou a agenda do dia, incluindo os compromissos da manhã, a festa pré-nupcial durante a tarde e o ensaio para o evento da noite de sexta-feira. O telemóvel deu sinal quando Mac entrou com um cesto de muffins.

— A Laurel vem a caminho. A Emma disse que não está atrasada.

Parker anuiu com a cabeça. — A noiva de sexta-feira à noite. Bom-dia, Cecily! Preparada para o grande dia?

Anuiu novamente quando Mac levantou a cafeteira de café sobre a chávena de Parker. — Hum-hmm. Isso é muito simpático. Sim, podemos fazer isso. Oh, completamente. — Ela escutou e estremeceu um bocadinho. — Acho que isso é incrivelmente generoso da sua parte e da parte do Marcus. Sei que deve estar — respondeu ela. — Oiça, estou aqui a pensar, é apenas uma ideia. Considerando o bolo de noiva e o bolo do noivo, mais um bolo não será exagerado? Não será tão especial como pretende. E que tal um *cupcake*? Em formato de coração, com uma cobertura trabalhada e com os nomes deles. Encaixaria na perfeição na mesa principal, em frente deles. Seria exclusivamente deles.

Depois de escutar outra vez, Parker começou a introduzir dados com uma mão no computador portátil. — Eu trato disso. Sabe bem que a Laurel o fará lindo e muito especial.

Parker abriu um sorriso quando Laurel entrou e semicerrou os olhos diante da afirmação dela.

— Qual é a flor preferida da sua irmã? — perguntou Parker. — Dálias. Oh, claro que ele pode, se quiser. Estarei disponível para isso, se ele puder dar cá um salto de alguns minutos no início desta noite. Sim, também estamos muito entusiasmadas. Não digo nada, prometo. Até logo à noite.

— O que é que eu vou fazer lindo e especial? — perguntou Laurel.

— Um *cupcake*. Um só *cupcake*. — Parker levantou um dedo. — Em forma de coração, talvez um pouco maior que o normal, para causar impacto. Talvez adornado com dálias e com os nomes Griff e Jaci; o irmão do noivo e a irmã da noiva de sexta-feira à noite, e também padrinhos. Namoram há cerca de seis meses. Ele vai pedi-la em casamento durante o copo-d'água, como crescendo para o brinde que vai fazer aos noivos.

— Porque é que ele haveria de fazer uma coisa dessas? — perguntou Mac.

— Não sei, porque está louco de amor, porque quer ligar o que sente por ela com o que o irmão sente pela irmã dele. Ele pediu primeiro a opinião do irmão e da noiva, e eles adoraram. Estão a chorar de felicidade. E, — acrescentou ela com um olhar frio para Laurel, — ela queria mais um bolo. Convenci-a a fazer só o *cupcake*, por isso deves-me uma.

— O que foi que eu perdi? — Emma entrou apressadamente. — Não estou atrasada.

— Estás atrasada — corrigiu Mac — e o que perdeste foi que o amor anda no ar.

— Bem, de qualquer forma isso já anda disseminado por aqui.

— Este é novidade, para que a Emma fique a par dos factos. — Parker

relatou o telefonema e as novidades resultantes. Como já previra, Emma ficou de lágrimas nos olhos.

— Isso é adorável.

— Não será se ela recusar — realçou Laurel.

— Ela não vai fazer isso. — Mas Emma fez um ar aflito. — Oh, meu Deus, e se fizer?

— Vamos olhar bem para os dois esta noite — sugeriu Parker. — Ver com que impressão ficamos. Se pensarmos, *ups*, arranjam um plano de emergência. Seguinte? O evento desta tarde. Festa pré-nupcial, com as convidadas a chegarem às duas.

— Elegância de Champanhe — disse Laurel. — É o nome do bolo, já que foi o que a arrogantíssima madrinha da noiva, e anfitriã da festa, exigiu como tema. Temos um bolo de noiva, em escala reduzida, com notas de champanhe, uma diversidade de biscoitos, miniaturas e chocolates. O serviço de catering vai fornecer a comida, o champanhe, o café e o chá. As lembranças para as convidadas incluem chocolates numas caixas brancas elegantes, com fitas prateadas com monograma e acentuadas com um gancho de cabelo cintilante.

— Como me foi pedido, fiz arranjos com rosas brancas. — Emma bebeu café. — Buquês modernos individuais em jarras pretas para cada uma das mesas. O Tink está a concluir o caramanchão e a pérgula neste preciso momento. Vamos dispor arranjos de rosas brancas nos vasos dos pórticos e nos terraços.

— Foi solicitado às convidadas que viessem vestidas de branco — lembrou Parker às sócias. — Nós devemos vestir-nos de preto, bem como todos os empregados e o trio de cordas que tocará durante o cocktail do evento. A previsão meteorológica é de céu pouco nublado ou limpo, vento fraco e temperatura máxima de vinte e dois graus. Assim, deveremos poder realizar o evento no exterior como queríamos. A mesa das lembranças deverá ficar debaixo da pérgula. Às três, arranjam a cadeira da noiva e às três e um quarto começa a abertura dos presentes. Eu tomo nota de quem deu o quê à noiva. Às quatro e um quarto devemos estar aptas a transferir os presentes para a limusina. Às quatro e quarenta e cinco fazem-se as despedidas. Mac?

— A madrinha da noiva quer fotografias informais, querendo na verdade com isto dizer que quer fotos com poses cuidadas em que todos, especialmente ela, apareçam fabulosos, felizes, naturais e cinco quilos mais leves. Ela quer uma fotografia da noiva com cada presente e com cada convidada. Da minha parte, tudo sob controlo.

— Os noivos e acompanhantes do casamento Mason-Easterbay devem chegar às cinco e meia para o ensaio. Têm reservas no Carlotta para as

sete e meia, por isso precisam de estar despachados às sete. Algum problema nesse departamento?

Como todas responderam que não, Parker continuou: — Quaisquer questões, problemas, observações, ou comentários sarcásticos acerca do evento?

— Se soubesse que se podia fazer comentários sarcásticos, já teria parado um — disse-lhe Laurel.

— Mudando de assunto, para hoje. Posso precisar de alguém para me levar até à oficina para ir buscar o carro. Ou irei de táxi, se estiverem todos ocupados. A Sra. Kavanaugh vai ligar-me esta manhã e espero que possa dar-me uma estimativa da hora. Tenho um compromisso aqui às dez. — Aguardou um pouco. — Com a irmã do Carter, Diane.

— Sobre o quê? — perguntou Mac.

— Sobre ela estar a ser uma cabra. Desculpa, eu não devia chamar a tua futura cunhada de cabra. Pelo menos, não na tua frente.

— Não tem problema. Ela é mesmo um bocado cabra. Do tipo passivo-agressivo que me faz ter vontade de lhe dar um pontapé no rabo. Com frequência.

— Para a Diane, o céu nunca está suficientemente azul — comentou Emma. A sua família e a Maguire eram amigas há anos.

— Ela está a ser cabra com quê? — perguntou Laurel.

— Ela chateou a Sherry. Não queria participar no casamento porque é muita confusão, dá muito trabalho.

— Ela implicou com o casamento desde o início. — Mac anuiu com a cabeça e encolheu os ombros. — Deu-me alguns toques acerca disso, e também acerca do meu. Quem quer uma coisa destas no casamento? Sendo irmã, ou não.

— Agora diz que não vem ao jantar de ensaio. Não quer fazer parte da comitiva, não quer arranjar uma babysitter, nem quer vir com as crianças e ter de tomar conta delas. Eu estaria a borrifar-me, mas a Sherry quere-a lá. — Os olhos de Parker faiscaram. — Então ela vai estar lá.

— Arrasa com ela, campeã.

Parker sorriu para Laurel. — Podes ter a certeza. Depois estarei disponível para ajudar quem precisar até ser hora de ir buscar o carro.

— Pode ser que consigas mais uns beijinhos.

— Laurel.

— O que foi? Achas que eu vou guardar segredo? — Sorriu abertamente quando Mac e Emma exigiram pormenores.

— Malcolm Kavanaugh, no átrio, com um abraço escaldante.

— Ora, ora. — Mac agitou as sobrancelhas.

— Não tem nada de «ora, ora». — Querendo passar à frente, Parker

assumiu o tom de voz descontraidamente indiferente. — Ele estava só a exibir-se.

— E é bom nisso — acrescentou Laurel. — Eu fiquei chamuscada com o calor, e estava a quatro metros de distância.

— Vais sair? — perguntou-lhe Emma.

— Se queres saber se vou sair hoje para ir buscar o meu carro, sim.

— Vá lá. Vais sair hoje com ele? Num encontro? — especificou Emma.

— Não. Foi apenas... Ele armou-se em espertinho, só isso.

— Tu beijaste-o primeiro. — Emma agitou o dedo. — Quatro de Julho.

— Eu estava furiosa com o Del e aquilo não passou de um erro. E isso não quer dizer... — Ela calou-se e agarrou no telemóvel que estava a tocar.

— Salva pelo *CrackBerry* — anunciou Mac.

— Olá, Buffy. — Aproveitando a deixa, Parker levantou-se e saiu da sala enquanto falava.

— Eles sentem-se atraídos um pelo outro. — Laurel cruzou os braços. — Não estou enganada a esse respeito.

— Ele olha para ela. Não me faças esse sorrisinho. — Emma apontou para Mac. — Ele olha para ela, e muito, e ela tenta não olhar para ele. Eu digo que se sentem, definitivamente, atraídos um pelo outro.

— Ele tem aquele ar de James Dean.

— O tipo da salsicha? — perguntou Mac, franzindo o sobrolho a Laurel.

— Não, Mackensie, céus! — Laurel olhou para cima. — Esse é o Jimmy Dean. James! Aquela atitude de *bad boy*.

— Eu até gosto que ele a desconcerte — decidiu Emma. — A nossa Parker não se desconcerta facilmente, e essa é uma das características que faz dela a nossa Parker, mas eu até gosto de ver.

— Ele não é dissimulado, o que para mim conta pontos a favor. — Laurel encolheu os ombros e levantou-se. — Veremos onde irá parar, se a algum lado. Entretanto, o dever chama. — Parou à porta. — Eh, sabem o que a Parker disse depois daquele beijo ardente?

— O quê? — perguntou Mac.

— Absolutamente nada.

Parker podia não ter conseguido pensar em nada para dizer nessa altura, mas tinha muito para dizer à irmã mais velha de Carter.

Recebeu pessoalmente Diane à porta, estendendo as duas mãos e exibindo um sorriso luminoso. — Di, que bom ver-te! Muito obrigada por

teres arranjado tempo para mim. Como estão as crianças? — acrescentou enquanto puxava Diane para dentro.

— Estão bem.

— A Mac disse-me que arranjaram um cachorrinho recentemente. — Colocou deliberadamente um braço sobre os ombros de Diane, como se fossem apenas duas amigas a pôr a conversa em dia, para a conduzir até à sala de visitas.

— O meu pai conseguiu dar-me a volta. Claro que não é ele que tem de lidar com isso.

— Não é sempre assim? — disse Parker alegremente. — Conheço uma tratadora excelente, se estiveres interessada numa ajudinha. Ela é maravilhosa e dá aulas com miúdos e cachorros, para os miúdos se envolverem no trabalho. Queres um café?

— Estou a cortar na cafeína.

— Eu também bebo demasiada. Temos um chá verde maravilhoso. O Carter disse que é o teu preferido.

Diane parou por breves instantes, fitou-a e pestanejou. — O Carter disse isso?

— É realmente surpreendente, aquilo em que os irmãos são capazes de reparar e de se lembrar, não é? Vamos sentar-nos. Estás com ótimo aspeto, Diane. O que tens andado tu a fazer?

Nitidamente atrapalhada, Diane empurrou para trás o cabelo castanho que mal lhe tapava o pescoço. Sendo uma mulher atraente, estragava habitualmente a sua aparência com uma expressão insatisfeita. — Comecei a fazer ioga há dois meses, mas é uma coisa tão absurda que eu...

— Oh, eu adoro ioga! — Toda sorrisos, Parker serviu o chá. Não era por acaso que estava a utilizar um dos melhores serviços de chá *Doulton* da avó. Ela sabia que Diane reparava e que atribuía grande importância a essas coisas. — Basta uma sessão de quinze minutos para me ajudar a libertar todo o stress do dia. É bom que tires algum tempinho só para ti. Com o teu trabalho, a família e todas as obrigações, era preciso que os dias tivessem vinte e cinco horas. Francamente, não sei como consegues e eu acrescentei ainda mais a essas horas pedindo-te que viesses falar comigo.

— Presumo que seja sobre o casamento da Sherry e não sei realmente o que isso tem a ver comigo.

— Dá para acreditar que já falta tão pouco? — Firme no seu intento, Parker bebeu uns golinhos do chá. — E daqui a nada serão o Carter e a Mac. — Esticou o braço para pegar de novo na mão de Diane. — Passaremos a ser uma mesma família. E foi isso que suscitou a ideia que tive.

— Que ideia?

— Tenho de começar pelo princípio e dizer que a ideia foi da Mac.

Sabes que o desejo principal da Sherry para o casamento é que fosse divertido. Ela quer que seja um dia divertido, com amigos e família, uma celebração. Deixa-me dizer-te, Di, que tantas noivas se concentram nos pequenos pormenores, na minúcia. E, claro está, é isso que aqui fazemos. Faz parte do que oferecemos. Mas é tão agradável trabalhar com a tua irmã, uma mulher que vê o panorama geral. Bem, ela vê os teus pais e vê-te a ti.

— Eu?

— Tu, o Sam e os vossos filhos. O que construíram: a vossa vida, a família, a continuidade. Não é fácil, essa construção, como bem sabes, e ela vê o que alcançaste. E tudo isso começa com o casamento propriamente dito, a celebração dos primeiros passos. Tu és a irmã mais velha. Destes esses passos antes dela e ajudaste a mostrar-lhe o caminho. Tens sido uma grande influência sobre ela.

Diane fungou. — A Sherry nunca ouve o que lhe digo.

— Sabes, acho que muito frequentemente os que têm impacto e influência sobre nós nem se apercebem disso. Ainda no outro dia... — Calou-se e abanou ligeiramente a cabeça. — Não quero trair uma confiança, mas como estamos em família... a Sherry disse-me há poucos dias o quão importante és, o quanto significas para ela. Acho que é mais fácil dizer isso a alguém que está um pouco de fora, não é?

Uma vez mais, o olhar fixo, o pestanejar. — Ela disse isso?

— Sim, e isso fez-me perceber... lá estou eu a adiantar-me. — Com uma gargalhada descontraída, Parker agitou uma mão como se tivesse falado sem pensar. — A ideia foi da Mac. Ela juntou fotografias da Sherry, da vossa família, do Nick e da família dele. Fotos antigas e recentes. Uma espécie de retrospectiva cronológica. A Mac tem tanto talento. Eu sei que sou parcial, mas tenho de dizer que o CD que ela concebeu está maravilhoso. Querido, engraçado, encantador, comovente. A ideia é passá-lo no jantar de ensaio.

— Oh, não vou ao...

— O que falta — interrompeu Parker — é um narrador. Um mestre de cerimónias, se quiseres. Alguém que tenha estado presente desde o início. Não os vossos pais, já que também é uma surpresa para eles e a Mac utilizou uma fotografia do casamento deles como ponto de partida. Pensei no Carter, já que é professor e, para além disso, irmão dela, por isso está habituado a falar em público, mas quando a Sherry e eu falámos, percebi que não. É uma coisa de irmãs. É coisa de irmã mais velha. Afinal, quem poderá ter uma perspetiva mais singular, mais sagaz e íntima acerca da Sherry e da vossa família, acerca do Nick e da dele, do que tu? Por favor, diz que aceitas fazer isto.

Uma vez mais, Parker estendeu uma mão, estabeleceu contacto e transformou a situação em algo pessoal.

— Eu sei que é pedir muito, e que é muito em cima da hora, mas está tudo a encaixar-se. Precisamos mesmo de ti.

— Queres que eu... narre as fotografias?

— Não só quero, como preciso. E não são só fotografias. É um trajeto, Diane. O da Sherry e do Nick, sim, mas também de todos vós. A família é tão essencial para os dois. Passei a conhecê-los melhor e compreendi isso nestes últimos meses. Vai ser o ponto alto da noite. O Carter já esboçou o guião e está com esperança de que aceites e trabalhes com ele no aperfeiçoamento.

— O Carter quer que eu... — Ela calou-se de repente, nitidamente pasmada.

— Oh, eu sei que és uma pessoa incrivelmente ocupada e que é pedir muito. Mas ajudarei no que me for possível, no que quiseres ou precisares. Sinceramente, não me parece que vás precisar de qualquer ajuda. Qualquer pessoa capaz de gerir uma família, como é o teu caso, consegue, na minha opinião, gerir qualquer coisa.

— Podia ser capaz de o fazer, mas teria de ver o CD e o que o Carter escreveu antes de me comprometer.

Parker pegou numa pasta. — Por acaso tenho aqui uma cópia de ambos. O CD tem a duração aproximada de doze minutos. Tens tempo para o ver agora?

— Eu... acho que sim.

— Perfeito. Vou buscar o meu computador portátil

Vinte e seis minutos depois, Parker levou o carrinho de chá de volta para a cozinha.

— Posso ver, pelas penas de canário presas no teu lábio, que conseguiste. — A senhora Grady pousou o cesto de tomates-cerejas, acabados de apanhar do jardim da cozinha, em cima da bancada.

— Bajulei-a bastante e depois manipulei-a mais um bocadinho. Ela não só irá ao ensaio e ao jantar de ensaio, como vai narrar o CD da Mac e do Carter. E bendito Carter por ter estado disposto a desistir da narração, principalmente porque a ideia tinha sido tanto dele como da Mac.

— É um bom menino. E a irmã mais velha sempre foi uma chata.

— Bem, ela é fisicamente atraente, mas não tem a vivacidade nem a confiança da Sherry. É esperta, mas não naturalmente inteligente como o Carter, e nem de perto tão querida. Foi a primeira a nascer, mas parece-me que não é muitas vezes a primeira noutras coisas. E é irritante. Só precisei de a colocar ao mesmo nível de importância da Sherry. — Parker encolheu os ombros. — E dizer-lhe algumas verdades. A família adora-a. Ela é im-

portante para eles. Algumas pessoas precisam simplesmente de ouvir isso muitas vezes.

— Aposto como não lhe custou ter vindo de ti. «Parker Brown precisa da minha ajuda.»

Parker encolheu novamente os ombros. — O que é preciso é que resulte. A noiva recebe o que quer e merece. — Olhou de relance para o relógio. — Estou em cima da hora.

Ajudou na decoração do evento, verificou o progresso de Laurel, falou com os empregados do catering e com os arrumadores, assim que chegaram.

Foi até ao terraço para uma última verificação, enquanto Mac tirava fotografias da disposição e pensou: *Elegância de Champanhe por todo o lado.*

Não gostava particularmente daquele tema para uma festa pré-nupcial — e como tinha três em fase de preparação para as amigas, estava com muitas ideias — mas o local tinha uma decoração atraentemente sofisticada, apenas com a frescura dos espantosos arranjos de Emma para a suavizar.

— Completamente Gatsby — disse Mac enquanto baixava a máquina fotográfica.

— Estava mesmo a pensar isso. Atrevo-me a dizer que a anfitriã e a noiva ficarão muito agradadas.

— Tu já marcaste pontos hoje. O Carter enviou-me um texto. A irmã quer encontrar-se com ele hoje, a seguir às aulas, para falar sobre o guião para o jantar de ensaio. Bom trabalho.

— Acho que ela também vai fazer um. A sério. Estava muito entusiasmada quando saiu.

— A Diane? Entusiasmada? Puseste-lhe alguma coisa no chá?

— Por assim dizer, mas foi o CD que fez a diferença. Ela emocionou-se algumas vezes.

Mac ergueu as sobrancelhas. — Subestimei o meu próprio poder. Está tudo a postos lá dentro?

— A Emma estava a terminar as áreas públicas e a Laurel já combinou tudo com o catering. Eu estou prestes... — Pousou um dedo no auricular. — Vou já. A nossa anfitriã acabou de chegar — disse ela a Mac. — Vou recebê-la e trazê-la para dentro.

— Eu vou dar a volta para tirar algumas fotos discretas das chegadas.

Com um aceno de cabeça, Parker começou a dirigir-se para a entrada. — Hum, Laurel, — disse para o microfone do auricular, — luz verde.

Em menos de uma hora, Parker observou mulheres envergando elegantes fatos brancos, vestidos brancos vaporosos e calças brancas de corte

impecável conviverem no terraço. Bebericavam champanhe, conversavam, riam e mordiscavam aperitivos que iam sendo servidos.

Mac deslocava-se pelo meio delas, registando momentos. A explosão de alegria no momento em que a futura noiva lançou a cabeça para trás e se riu, o abraço afetuoso de saudação entre amigas, a doçura de uma neta batendo levemente com a sua taça de champanhe na da avó.

Satisfazia-a, como sempre acontecera, ver felicidade ali, senti-la a borbulhar no ar como champanhe, saber que o que lhe estava a acontecer podia ser um prelúdio para a felicidade.

Naquele dia satisfazia-a o facto de estar na companhia de mulheres e de ter participado na criação daquela visão particular do ritual feminino.

À hora marcada, avançou para pedir às convidadas que se sentassem para o almoço e depois retirou-se novamente para o seu lugar. Depois preparou-se quando a anfitriã se aproximou com uma expressão aborrecida.

— A Olivia perguntou-me sobre jogos. Quer uma festa com jogos.

Que você vetou expressamente, recordou Parker, mas sorriu. — Posso tratar disso.

— Ela quer jogos e prémios. Obviamente, eu não preparei nada para...

— Não tem problema. Eu trato disso durante o almoço. Que tal três? Parece-me adequado. Jogos divertidos e simples com prémios bonitos para as vencedoras.

— Não quero entregar nada piroso nem palerma. Queria algo de acordo com o ambiente envolvente.

Bolas, pensou Parker, *e eu que estava a pensar arranjar dildos que brilham no escuro*. — Com certeza. Eu trato disso. Teremos tudo preparado quando o almoço terminar. Por favor, divirta-se. Não se preocupe com nada.

Esperou até a mulher ter entrado. — Laurel, preciso que assumas o comando lá fora — disse para o auricular. — A noiva quer jogos e prémios. Preciso de quinze minutos para organizar a coisa.

— Entendido.

— Emma, preciso que me prepares uma pequena mesa para os prémios.

— Oh, por amor de Deus...

— Eu sei, eu sei. O que conseguires arranjar. Tens quarenta minutos.

Subiu apressadamente as escadas das traseiras até à sala dos presentes, um espaço destinado ao embrulho e armazenamento de presentes. Dentro de um dos armários ela tinha etiquetado presentes preembrulhados. Vasculhou, ponderou e, depois de ter escolhido três, enfiou-os em sacos para

prenda, ornados a relevo branco, envoltos em papel de seda preto. De um outro armário, tirou uma pilha de blocos de notas, lápis e outro material de escritório.

Correu escada abaixo, pousou os sacos e a caixa com o material na mesa da casa de jantar, e passou a correr pela cozinha para ir à velha despensa buscar a bandeja apropriada para a exibição.

— O que procuras tu? — perguntou a senhora Grady atrás dela.

— A noiva quer jogos, coisa que a anfitriã vetou quando estávamos a planear a festa. Não me parece que fique bem sacos brancos numa bandeja branca e não temos uma preta adequada. Talvez de prata. Ou de vidro. Talvez de vidro.

— Experimenta ambas.

— Boa ideia. Pode vir comigo para me dar a sua opinião?

A senhora Grady acompanhou-a. — Oh, o teu carro está de volta.

— De volta aonde?

— Aqui.

Parker parou e franziu o sobrolho. — O meu carro está aqui?

— Entregue há cerca de vinte minutos. E lavado e aspirado também. Coloquei a fatura em cima da tua secretária.

— Oh. Mas eu não lhe pedi que o viesse entregar. Eu ia...

— Poupa-te tempo, não poupa? — O que, na opinião da senhora Grady, tornava Malcolm Kavanaugh um indivíduo muito perspicaz.

Parker não disse nada, continuando apenas a franzir o sobrolho enquanto dispunha os sacos na bandeja de prata. — Acho que a de vidro é melhor. A prata é demasiado imponente e a Emma podia espalhar algumas pétalas de rosas sobre o vidro, e com as jarrinhas pretas... Quem veio entregar o carro?

A senhora Grady reprimiu um sorriso. — Não perguntei o nome dele. Bem, deles, já que ele vinha com outro a segui-lo num reboque.

— Oh. Hum... a de vidro?

— Acho que sim. É chique, mas mais subtil do que a de prata.

— Sim, é isso mesmo que eu quero. — Recuou. — Vou deixar isto aqui e ver se posso ajudar a Emma a ajeitar a mesa.

Começou a afastar-se. — A sério, eu podia ter ido buscar o carro.

— Sem dúvida. O que se diz quando alguém nos faz um favor?

Parker soltou um suspiro em resposta ao tom de censura. — Agradece-se. Eu vou agradecer. Quando tiver hipótese.

Ela não tinha, pelo menos era o que dizia para si própria. O evento exigia a sua concentração e com o tempo adicional para os jogos não programados, este iria estender-se por mais trinta minutos. O que lhe reduziria o tempo para preparar o ensaio da noite.

...

— Os jogos foram um sucesso — comentou Mac.

— Geralmente, são.

— Bons prémios. Gostei muito do porta-joias de viagem, o de cabedal verde. Pode fazer realmente muito jeito a alguém que vá de lua de mel para a Toscânia.

— Talvez alguém tenha sorte. — Parker bebeu sofregamente de uma garrafa de água. — Tivemos realmente sucesso. E a nossa anfitriã nem piscou os olhos quando lhe apresentei a fatura adicional pelos prémios, especialmente porque não lhe cobrei a meia hora extra.

Deu uma última olhadela ao terraço. Tinham desmanchado todas as mesas, mas tinham deixado a pérgula e os vasos enfeitados. Só precisavam de ajeitar a mesa de refeição e estavam prontas.

Provavelmente teria agora cinco minutos para ir fazer os seus agradecimentos, mas tinha de ir verificar primeiro a fatura. Ele podia ter-lhe cobrado a entrega.

— Vou só... — O telefone tocou. — Credo. A noiva louca.

— Antes tu que eu. Atende. Temos tudo controlado.

A noiva louca consumiu-lhe o tempo. E deu-lhe espaço para pensar.

Ela iria enviar um bilhete de agradecimento com o cheque para pagamento do serviço e dos pneus. Era a atitude apropriada, decidiu Parker durante o ensaio.

— Quando faltarem cinco minutos para o início, — disse ela, — o irmão do noivo, e padrinho, irá acompanhar a mãe ao seu lugar e o marido dela segui-los-á. Perfeito. O padrinho juntar-se-á ao noivo, ficando à sua esquerda. E quando faltarem três minutos para o início, o irmão da noiva acompanhará a mãe ao seu lugar. O irmão colocar-se-á depois à esquerda do padrinho e à direita do George. Inclina apenas um bocadinho, Sam. Exatamente. A música dará início ao cortejo nupcial, com a Wendy, a Nikki e a Addy, e amanhã eu estarei lá para vos dar a deixa. Lembrem-se de sorrir, meninas. De seguida, Jaci, a dama de honor. Muito bem. Quando ela estiver a meio caminho, será hora de entrar o menino das alianças. Assim mesmo, Kevin!

O menino de cinco anos avançou empertigadamente, provocando riso e aplausos.

— E a menina das flores. Muito bem, Jenny, e amanhã o teu cesto terá flores verdadeiras. O Kevin do lado dos rapazes, a Jenny do lado das raparigas. Tu ficas ali ao lado do teu papá, Kevin. Depois...

Ela calou-se, inexpressiva, quando olhou para trás e viu Malcolm encostado a um dos vasos com um buquê na mão. Ela não lhe conseguia ver os olhos, por causa do sol refletido nos óculos escuros que ele usava. Mas conseguia ver bastante bem o seu sorriso.

— E depois? — perguntou o noivo com uma gargalhada. — Eu caso-me?

— Quase. A música muda, toda a gente se levanta. E a noiva inicia a sua caminhada acompanhada pelo pai. E — disse ela ao noivo — será a mulher mais linda do mundo. É tudo o que tu sempre quiseste. E estará prestes a ser tua.

Ela esperou. — Paras aqui. E, tal como pediste, a tua mãe avançará contigo e o teu pai. O pastor perguntará quem entrega esta mulher, e o que diz o Sr. Falconi?

— A mãe dela e eu.

Beijaram a filha, pegaram na mão dela e colocaram-na sobre a do noivo.

— Adorável. Agora...

Orientou-os ao longo da cerimónia, salientando os pontos principais, delineando o *timing* e a coreografia.

— Ele dirá que podes beijar a noiva.

— Essa parte, já sei. — O noivo fez girar a noiva, inclinou-a enquanto esta se ria e dobrou-se para lhe dar um sumptuoso beijo.

— Cacyly, se amanhã te acobardares, eu terei todo o prazer em substituir-te.

A noiva riu-se de novo, piscando os olhos a Parker. — Já me sinto cheia de coragem, mas obrigada.

— Aposto que sim. Nessa altura, viram-se de frente para os amigos e a família, o pastor apresentar-vos-á pela primeira vez como marido e mulher e os que não estiverem ainda a desmaiar por causa daquele beijo aplaudirão. A música anunciará a retirada e vocês percorrerão o corredor. A Mac assumirá as coisas a partir daí. A partir daqui, o resto da comitiva do casamento sairá por ordem inversa. A menina das flores e o menino das alianças em primeiro lugar.

Bom, pensou ela, *muito bom*. Se todos sorrissem assim esplendorosamente no dia seguinte, praticamente não precisariam do Sol.

— Depois da comitiva do casamento, os pais e avós da noiva, depois os do noivo. A Mac também precisará de todos vós para as fotografias do casamento. Os convidados serão acompanhados até ao interior da estufa, onde os canapés e as bebidas os manterão animados durante a sessão fotográfica.

Ela ignorou a impressão que sentia na parte de trás do pescoço. Tinha a certeza que ele estava a fitá-la, enquanto delineava o *timing* e os proce-

dimentos para entradas, jantar, brindes, a passagem para o salão de baile, primeiras danças, corte do bolo e por aí fora.

— As suites da noiva e do noivo estarão disponíveis para a comitiva do casamento a partir das quatro até ao final da noite. Iremos transferir os presentes da mesa dos presentes para a limusina dos recém-casados, bem como todas as flores que quiserem levar com eles ou dar a outros. Eu sei que é muita coisa, mas as minhas sócias e eu estaremos aqui para vos ajudar em todas as fases do processo. Só precisam, na verdade, de se divertir e celebrar.

CAPÍTULO CINCO



Ela dirigia o espetáculo como um general de voz aveludada, pensou Malcolm, andando de um lado para o outro nos seus saltos altíssimos e austero fato preto. Contudo, bastantes sorrisos, reparou ele, e montanhas de simpatia.

Exceto quando olhava na sua direção.

Ele esperou-a no exterior, inundado pelo perfume de rosas que faziam o buquê que levava parecer um pouco fraco. Porém, ele tinha convencido a rapariga gótica de argola no nariz que trabalhava com Emma a dar-lho, por isso tinha ficado tudo em família.

Emma passou por ele. — Meu?

— Já não.

— Mas é muito bonito na mesma. A Parker vai demorar mais alguns minutos.

— Tenho tempo.

— Bebe qualquer coisa, se quiseres. Há muita bebida. Ou podes esperar lá dentro.

— Estou bem aqui, mas obrigado.

— Tenho de ir. Se estiveste em minha casa, viste que estamos cheias de trabalho.

— Casamento amanhã?

— Não, na verdade eles tiveram uma incompatibilidade, por isso ensaiaram esta noite o casamento de sexta. Amanhã tenho um evento exte-

rior, a Parker tem de fazer algumas visitas guiadas e ainda temos uma reunião com o pessoal todo. E em fim de semana com quatro eventos.

— Miúdas atarefadas. Estou bem aqui. Vai lá.

— Ela já não demora — garantiu-lhe Emma e afastou-se apressadamente.

Depois de ter esperado mais quinze minutos, supôs que ela não tivesse pressa. Mas ela saiu novamente, com aquela passada determinada que a conseguia fazer parecer simultaneamente descontraída e graciosa.

— Desculpa por te ter feito esperar — começou ela. — Se soubesse que estavas a pensar passar por cá, ter-te-ia dito que tínhamos um ensaio.

— Não vim ver-te.

Ela abriu a boca e fechou-a outra vez.

— Vim ver a senhora Grady. — Apontou com as flores. — Para lhe agradecer uma vez mais pelo jantar e a sanduíche de pernil que comi hoje ao almoço.

— Bem, ela não está aqui.

— Já percebi.

— Saiu com amigas. Jantar e cinema. Trouxeste-lhe flores.

— Flores para um sítio que está repleto delas.

— Ela vai adorar e vai ficar com pena de não te ter visto. Vou colocá-las na água.

— Ok.

Mas quando ela estendeu a mão para lhes pegar, ele virou-se e olhou fixamente para a casa. Depois tornou a olhar para ela. — Vens?

— Não quero empatar-te mais do que já empatei — disse ela enquanto caminhava ao lado dele.

— Não tenho nada marcado. E tu?

— Na verdade, ia telefonar-te, — disse ela, fugindo à pergunta, — para te agradecer teres vindo entregar o meu carro. Não precisavas de te ter dado a esse trabalho, mas agradeço-te.

— Estamos ambos cheios de agradecimentos.

— Aparentemente. — Ela entrou à frente dele, atravessou a cozinha e entrou na despensa.

Ele parou e olhou em volta. — Uau! Este lugar não para.

— A minha família sempre gostou de entreter e muitas vezes de uma forma que ocupa muito espaço. — Escolheu uma jarra de um armário. — Se quiseres companhia, o Del é capaz de estar em casa.

— Sabes, até parece que estás a tentar ver-te livre de mim.

— Parece? — Ela adicionou água e substrato para flores à jarra. — Isso seria má educação.

— Coisa de que não serias capaz.

— Oh, sou capaz, sim, dependendo das circunstâncias. — Aguardou um instante. — Mas fazer-me um favor, na verdade, dois, e trazer flores a uma das pessoas de que mais gosto não são circunstâncias merecedoras.

— Não pensei que beijar-te fosse fazer-te um favor.

Ele sentiu a temperatura descer vinte graus.

— Não foi isso que quis dizer.

— Aposto como isso costuma funcionar. O gelo — acrescentou ele. — Mas comigo? O frio não me incomoda.

— Tenho a certeza que te é muito útil e também penso que ficaste com a impressão errada.

Quando ela se virou, ele avançou e prendeu-a dentro da despensa. — Não, não fiquei.

Os olhos dela faiscaram; relâmpagos azuis envoltos em gelo. — Não gosto de ser manipulada.

— Não, tu gostas de manipular e és extremamente boa nisso. Eu admiro isso. Quando eu fazia acrobacias...

— Acrobacias?

— Sim, trabalho de duplo. Seja como for, nessa altura gostava de ver domadores de cavalos, quando tinha a oportunidade. Tens a mesma habilidade com as pessoas. É impressionante.

— Eu diria muito obrigada, mas parece-me que isso já é uma frase muito batida.

— De nada. — Ele afastou-se um pouco. — Gosto da tua casa. Quem não gostaria, mas o que quero dizer é que gosto como funciona. Gosto de ver e descobrir como funcionam as coisas.

— Como funciona a casa?

— Casa, lar, negócio. Tela.

Ela parou, de flores na mão, e fitou-o simplesmente.

— Tu deixas as pessoas pintarem a imagem que querem nela. Orientas muitas pinceladas, provavelmente influencia-las a escolherem determinadas cores, mas no final elas obtêm o que querem. Bom trabalho.

— Muito... — O telefone salvou-a de mais um obrigada. — Desculpa. Olá, Bonnie, em que posso ajudar? — Afastou-se alguns passos.

Malcolm escutou a histeria através do telefone ainda antes de Parker o ter afastado um pouco do ouvido. — Entendo. Sim, eu...

Ele escutou — porque não? — e começou a enfiar flores na jarra.

— Claro que entendo. Mas também penso que está muito stressada neste momento, uma vez mais, compreensivelmente. Aposto como o Richie também está. Bem, Bonnie, não é a sua mãe quem vai casar-se com o Richie, e embora eu saiba que ela o adora, ela não o conhece tão bem

quanto você. Eu acho que se o Richie visse isso como algo mais do que uma palerma tradição masculina, nunca lhe teria contado. Mas contou, e pela forma como o fez parece-me que ele vê isso como uma brincadeira. O irmão só fez o que os irmãos fazem frequentemente.

Fechou os olhos por um momento e ouviu enquanto tirava uma pastilha de antiácido. — Sim, entendo, mas você não vai casar-se com o irmão do Richie. Tenho a certeza que nenhum de vocês quer que algo tão insignificante como isto cause qualquer tipo de rompimento familiar.

Ouviu novamente. — Sim. Hum-hum. O Richie ama-a? Hum-hum. Deu-lhe alguma razão para duvidar disso, alguma razão para não confiar nele? O que penso não interessa. O que interessa é o que você pensa e sente. Mas, já que me pergunta, eu acho que não daria importância nenhuma ao caso e iria divertir-me imenso com as minhas amigas antes de passar a próxima semana a preparar-me para me casar com o homem por quem estou perdidamente apaixonada.

Enquanto ela concluía a conversa, ele terminou o arranjo e depois recuou de mãos enfiadas nos bolsos de trás para examinar o resultado.

— Está bonito — comentou Parker.

— Não está mal. Então... algum problema?

— Nada de mais.

— O irmão do noivo contratou uma stripper para a festa de despedida de solteiro. Ela insinuou-se muito bem — acrescentou Malcolm.

— Parece que sim. Sim, e a noiva ficou para explodir, ajudada pela fúria e os alertas terríveis da mãe, que na realidade não acha que alguém seja suficientemente bom para a sua menina e, prevejo, vá encontrar sempre defeitos no Richie.

— Ela queria que tu a apoiasses.

— Naturalmente.

— E tu acalmaste-a e apaziguaste as coisas e, ao mesmo tempo, conseguiste inverter a situação. Boa manobra, Tex.

— Se és suficientemente maduro para casar, deves ser suficientemente maduro para parar de ir a choramingar para a mamã sempre que algo te chateia. E se ela não confia que o noivo completamente afável, dedicado e verdadeiro não se atirou a uma stripper uma semana antes do casamento, não devia casar-se com ele.

— Não foi isso que lhe disseste.

— Porque ela é minha cliente. — Calou-se subitamente. — E eu não devia estar a dizer-te isto.

— Eh, o que é dito no... Que compartimento é este?

— A despensa.

— A sério? — Ele soltou uma pequena gargalhada ao perscrutar o es-

paço outra vez. — Ok, o que é dito na despensa, fica na despensa. — A frase arrancou um sorriso dela; um fraco sorriso. — Tu acalmaste-a.

— Pelo menos, por agora. Eles vão mudar-se para Atlanta daqui a uns meses; ele foi transferido. A mãe está extremamente irritada por causa disso e é a melhor coisa que podia ter acontecido. Acho que eles têm boas hipóteses, se ela sair de debaixo da asa da mamã.

— Ficaste tensa com isto.

Ela encolheu os ombros e pegou na jarra. — Vou ultrapassar.

— Tenho de te perguntar uma coisa.

Ela olhou de relance para trás para ele quando saíam. — O quê?

— Tens um par de calças de ganga?

— Claro que tenho um par de calças de ganga.

— E um blusão de cabedal, de marca ou não?

— O teu interesse pelo meu guarda-roupa é muito estranho. — Ela pousou a jarra na bancada e depois entregou um bloco de notas e uma caneta a Malcolm. — Devias escrever-lhe um pequeno bilhete, para ela o ver junto das flores quando chegar a casa.

— Ok, enquanto faço isso, vai vestir as calças de ganga e o blusão.

— Desculpa?

— Adoro quando dizes isso. Vais gostar mais do passeio se despises esse fato.

— Eu gosto deste fato e não vou dar passeio nenhum.

— Gosto como ficas nesse fato, mas ficarás mais confortável na mota de calças de ganga. — Enfiou um polegar no bolso da frente e encostou uma anca à bancada. — Está uma noite agradável. Nenhum de nós tem nada marcado. Então, vamos dar uma volta, esfrias a cabeça. Pago-te o jantar.

— Não vou voltar a andar naquela mota.

— Tu não tens receio da mota, nem de jantar comigo.

— Não é uma questão de receio, mas de preferência.

Ele sorriu. — Prova-o. Fazemos assim: tu vens dar o passeio, jantas, num local público e descontraído, e eu trago-te a casa. Se não te divertires, ou, no mínimo, não gostares da alteração na rotina, eu afasto-me. Completamente.

Desta vez o olhar era régio e um pouquinho divertido. — Não preciso de negociar para que tu te afastes, Malcolm.

— Tens razão. — Esperou um instante enquanto os seus olhares se mantinham fixos um no outro. — Então porque é que ainda não me afastaste?

Boa pergunta, pensou ela. Já agora, bem podia descobrir a resposta. — Uma volta, um jantar descontraído. Só isso.

— Combinado.

— Vou trocar de roupa.

Ela provocava alguma coisa nele, pensou Malcolm enquanto escrevia *Ainda me deve uma dança* no bloco de notas. Ele não estava completamente seguro do que era, mas era alguma coisa.

Ele queria pôr as mãos em cima dela, sem dúvida, mas Parker Brown não era do tipo pegar, rebolar e largar. Além disso, ele valorizava a amizade que tinha com o irmão dela.

Saiu da cozinha e deambulou até ao primeiro piso.

Se considerasse Parker cama fácil, e agisse em conformidade, decerto Del daria cabo dele, pelo menos tentaria. Se estivesse no lugar dele, faria exatamente o mesmo. E esse era um dos motivos por que valorizava a amizade.

Espreitou para dentro do que chamavam — devido ao enorme piano de cauda — a sala de música. As aguarelas de contornos vagos que brilhavam nas paredes eram indubitavelmente originais, e bastante boas. Mas a coleção de instrumentos dentro de um elegante armário com porta de vidro prenderam a sua atenção.

Guitarra, violino, diversas flautas — talvez um flautim —, uma concertina, um tambor, harmónica, o que lhe parecia ser um saltério, um badalo, bongós e algumas coisas que não conseguiu identificar imediatamente.

Se não estivesse trancado, ele duvidava que tivesse resistido à vontade de abrir o armário e experimentar alguns instrumentos, só para ver como soavam, para ver como funcionavam.

E, calculava ele, era por isso que não via Parker como uma relação casual. Ele sentia uma vontade irresistível de a abrir, de ver como funcionava.

Menina rica — mulher abastada, corrigiu —, excepcionalmente bonita, de boas famílias, com conhecimentos, inteligente. E ela trabalhava tanto quanto outra pessoa qualquer, talvez até mais. Ela podia ter ficado sentada, voado no seu jato particular para tomar um copo em Maiorca, navegado pelo Egeu para bronzear aquelas pernas magníficas, bebericado vinho num café parisiense entre uma loja e outra.

Em vez disso, tinha fundado uma empresa com amigas de infância que a fazia andar de um lado para o outro às ordens de outros.

Ele aproximou-se do piano e improvisou alguns acordes.

Não era por causa do dinheiro, decidiu. Ele não sentia a vibração da ganância quando estava com ela. O dinheiro seria um resultado, uma consequência do negócio, mas não o ingrediente principal. Ele sabia como era quando o dinheiro era o essencial.

A satisfação tinha algum peso, mas tinha de haver mais.

Ele queria descobrir o quê.

Presentiu-a — um pouco de calor sobre a pele — e ergueu os olhos para a ver à porta.

E, oh, sim, como queria tocar-lhe.

As calças de ganga assentavam-lhe tão bem como os fatos de «mulher-ao-comando». As botas tinham uns saltos finos e baixos. Ela usava uma camisa encarnada debaixo de uma fina jaqueta de pele que, tal como as botas, era cor de chocolate negro. Umhas argolas de prata cintilavam nas suas orelhas.

Motoqueira chique?, perguntou-se ele.

Não. Apenas chique.

— Tocas?

— Eu? — Ele encolheu os ombros. — Não. Só brinco um bocadinho. Esta é uma coleção e tanto.

— Sim. Quase toda do meu pai. Ele não tinha qualquer talento musical e admirava os que o tinham.

— O Del toca muito bem piano, especialmente depois de umas cervejas. E tu?

— Piano, violino... com ou sem cerveja. O saltério.

— Bem me pareceu que era isso. E este?

Ela aproximou-se do armário quando ele tocou no vidro, indicando um pequeno instrumento em forma de chave.

— Um berimbau, ou harpa de beijos. Segura-se com os dentes, ou os lábios, e toca-se. Simples, eficaz e muito antigo.

— Aquilo é um flautim?

— Não, é uma flauta soprano. Aquilo é um flautim. Posso ir buscar a chave do armário.

— Não, deixa estar. — Ele indagou-se vagamente onde iriam as pessoas desencantar nomes como flautim ou saxofone. — Só gosto de saber para o que estou a olhar. Além disso, se o abrisses, eu iria querer brincar com tudo e não chegaríamos a dar o tal passeio.

Ele mexeu-se para, em vez de estarem ombro a ombro, ficarem cara a cara. — Talvez no final eu consiga perceber para o que estou a olhar.

Ela recuou. — Não é assim tão complicado.

— Não és tu que estás a olhar. Pronta?

Ela anuiu com a cabeça e saiu à frente dele. De caminho, pegou numa mala com alça comprida e colocou-a a tiracolo.

— Uma coisa eu já sei sobre ti. Tu pensas muito bem nas coisas. — Ele tocou na mala com o dedo. — Quando andamos de mota, precisamos das nossas provisões. Por isso colocamo-las dentro de alguma coisa que possa-

mos transportar connosco em vez de termos de nos agarrar a ela. Inteligente. Gosto de pessoas inteligentes.

Ele abriu a porta e segurou-a até ela passar.

— Eu gosto de coisas práticas. Aquilo não é prático. — Apontou para a mota.

— Claro que é. Leva-me onde quero, consome pouco combustível e cabe em pequenos espaços de estacionamento.

— Vou conceder nesses pontos. Duvido que seja prática durante um inverno do Connecticut.

— Depende. — Aproximou-se para ir soltar um capacete. — Antes de subires, — disse ele enquanto lho entregava, — e para bem da honestidade, tenho uma aposta a decorrer.

— Uma aposta?

— Com o Del. O Jack e o Carter também quiseram entrar. Apostei cem dólares com o Del em como te conseguia pôr de novo em cima da mota.

Ele reparou que os olhos dela não aqueceram nem arrefeceram. Apenas semicerraram ligeiramente.

— Ai, sim?

— Sim. O Del acha que nem pensar. O Jack está com ele, por isso tenho dois em risco. O Carter apostou os cem dele em mim.

Ela virou o capacete nas mãos. — Estás a dizer-me isto depois de eu ter concordado em dar esta volta, mas antes de eu sair daqui. O que quer dizer que posso atirar-te este capacete à cara e dizer-te para ires para o inferno.

— Pois.

Ela anuiu outra vez com a cabeça. — O Carter pode ficar com os ganhos dele, mas eu quero metade dos teus; mais especificamente, os cem do Del. — Colocou o capacete.

— É justo. — A sorrir, ele montou-se na mota.

Desta vez, ele reparou que não precisou de lhe dizer para se segurar e, com os braços dela à volta da sua cintura, arrancou.

Talvez o seu coração batesse com força, especialmente nas curvas, mas Parker não podia negar que gostava da sensação. Nem podia negar que se não quisesse estar ali, não estaria.

Curiosidade, pensou. Agora tinha satisfeito a curiosidade. Sim, deslocar-se a grande velocidade, perfurando o vento, estava a ser tão emocionante como tinha sido na sua primeira e breve volta.

Isso não queria dizer que fosse fazer disso um hábito, mas ela gostava de poder arquivar a experiência como algo conseguido.

Quase tanto quanto gostava de ganhar os cem dólares a Del.

Era bem feito para ele.

Como ela estava num processo de admissões, tinha de admitir que fora bastante perspicaz da parte de Malcolm calcular a sua reação.

Mas, pensando bem, talvez ele tivesse confiado no seu charme duvidoso para a convencer a manter a aposta. Embora ela não encontrasse sentido nisso. Teria sido mais seguro não ter dito nada.

E não era precisamente essa a questão?, constatou.

Ele não era do tipo de escolher o caminho mais seguro.

Que se lixe, decidiu. Iria gozar da experiência antes de a arquivar.

Esse gozo subiu alguns níveis quando ela constatou que ele estava a percorrer o caminho em ziguezague em direção ao mar. Já conseguia sentir-lhe o cheiro, húmido e carregado de sal. Viu a luz crepuscular do Sol inundar o braço de mar, cintilar e tremeluzir sobre os montes de Calf Island, refletir-se nas ondulantes velas brancas das embarcações de lazer.

E tudo isso enquanto a máquina rosnava debaixo dela, vibrando com poder.

Obrigações, horários, deveres varridos da sua mente e soprados para longe como penas ao vento. O ribombar do seu coração regressou para um batimento regular e relaxado enquanto ela via gaiotas elevarem-se e mergulharem. Se o telemóvel que tinha na sua mala tocasse, ela não o ouviria, nem se importava com isso.

Perdeu a noção do tempo, reparando apenas no suavizar da luz e do ar quando ele deu meia-volta.

Ele abrandou quando entraram em Old Greenwich. Turistas e moradores misturavam-se na movimentada rua principal, atraídos pelas lojas e pelos restaurantes, pela curta distância até à praia. Mas a azáfama não diminuía o ambiente de bairro.

Saiu da rua principal e apanhou algum trânsito antes de virar para um minúsculo lugar de estacionamento. Tirou o capacete e virou-se para olhar para ela.

— Fome?

— Acho que sim.

— Conheço um sítio que serve a melhor piza do Connecticut.

— Então ainda não provaste as da senhora G.

— Talvez ainda tenha sorte, mas entretanto... Já podes largar-me.

— Oh. — Um pouco atrapalhada por não se ter apercebido de que ainda tinha os braços em volta dele, ela afastou-se e desceu.

Ele prendeu os capacetes à mota. — Não fica longe. O suficiente para fazermos um bocadinho de tempo antes de comermos.

— Não me importo de andar — começou ela, depois abriu a mala ao ouvir o sinal. — Desculpa, mensagens de voz. É melhor ver do que se trata.

— Quantas? — perguntou ele quando ela resmungou em voz baixa.

— Três.

— Nunca te dão uma noite de folga?

— Acontece. Raramente, mas acontece. As pessoas planeiam um casamento, ou um grande evento como um aniversário importante, e estes tornam-se o seu mundo durante um tempo. Qualquer ideia, ou problema, ou decisão, pode assumir uma enorme magnitude.

Ela começou a enfiar o telefone na mala, pensando que iria até à casa de banho assim que tivesse oportunidade para tratar do que pudesse ser tratado.

— Vá, liga lá para onde precisares.

— Não faz mal. Pode esperar um pouco.

— Vais ficar a pensar nisso e como te hás de escapar para resolveres os assuntos. Mais vale fazeres já isso.

— Vou ser rápida.

Ele abrandou o passo para ritmo de passeio, ouvindo enquanto ela falava com alguém chamada Gina sobre a utilização de chiffon ou de tafetá. Concordaram que Parker se encontraria com ela para ver as duas amostras. Depois discutiu uma carruagem ao estilo Cinderela com uma Sra. Seaman. Parker prometeu conseguir uma enquanto sacava de um bloco de apontamentos e anotava as especificações. Finalmente, garantiu a alguém chamado Michael que tanto ele como o noivo, Vince, ainda tinham tempo de aprender a dançar swing e disse rapidamente o nome e o número de telefone de um instrutor de dança.

— Desculpa — disse ela a Malcolm quando voltou a enfiar o telemóvel na sua bolsa. — E obrigada.

— De nada. Ok, não me interessa o chiffon nem o tafetá, nem a diferença em peso e brilho, mas onde diabo vais tu arranjar uma carruagem estilo Cinderela fora da Disney?

— Ficarias surpreendido com o que se consegue arranjar, especialmente quando se tem os recursos certos e um orçamento praticamente ilimitado. A Sra. Seaman, do Mobiliário Seaman, quer que a filha chegue e parta numa carruagem estilo Cinderela e eu vou fazer com que isso aconteça. Depois de falar com a noiva para ter a certeza que é isso que ela quer.

— Entendi. Agora, porque é que o Michael e o Vince precisam de saber dançar swing?

— Vão casar-se em fevereiro e decidiram-se finalmente num tema da época da *Big Band*. Vão até usar fatos ao estilo dos anos quarenta e polainitos.

Ele demorou um instante a assimilar. — Não estás a brincar.

— Não, e por acaso até acho que vai ser divertido. Por isso é natural que eles queiram dançar swing, particularmente bem na primeira dança.

— Quem conduz a dança? É uma pergunta séria — disse ele quando ela lhe dirigiu um olhar insípido. — Alguém tem de o fazer.

— Provavelmente eles podem atirar uma moeda ao ar, ou deixar a decisão para o instrutor. Acho que será o Vinnie, porque é o Michael quem está preocupado com o assunto e o Vinnie é bastante descontraído.

— Então, se calhar... Espera aí. Fevereiro? É o Vinnie Calerone?

— Sim. Conhece-lo?

— Sim. Conheci-o quando éramos miúdos. A minha mãe é amiga da dele. Quando ele soube que eu tinha regressado, foi visitar-me. Eu faço revisão ao *Mercedes* dele. Ele disse-me que ia casar-se em fevereiro e que me ia arranjar um convite.

— Eram chegados?

— Não particularmente. — Olhou para ela e decidiu concluir. — Um dia dei com ele a ser violentamente agredido. A mim pareceu-me que ele ia aguentar-se no um-para-um, mas os outros eram dois. Eu equilibrei a coisa. E estava certo. Ele aguentou-se. O Vinnie vai usar um fato estilo anos quarenta. — O sorriso dele alargou-se com humor. — Consigo imaginar.

— Entraste numa luta por causa dele?

— Não foi especialmente por causa dele. Foi mais por serem dois contra um. Bater em alguém porque a pessoa é gay, é ignorância. Agora, arranjar companhia para o fazer? Isso é reles. Seja como for, foram só alguns minutos. É aqui.

Ela olhou fixamente para ele por mais um momento e depois virou-se para olhar para o restaurante. Apesar de se situar na pequena baía, era pouco mais do que um buraco na parede com as paredes revestidas de ripas.

— Não me parece nada de especial, mas...

— Tem ótimo aspeto e apetece-me piza.

— Já somos dois.